

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Avessa
Vanessa Godoy Garcia

SER PEDRA DEPENDE DE PRÁTICA
rastros de uma escuta da inutilidade

Mestrado em Psicologia Clínica

SÃO PAULO
2025

Avessa
Vanessa Godoy Garcia

SER PEDRA DEPENDE DE PRÁTICA
rastros de uma escuta da inutilidade

Mestrado em Psicologia Clínica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica sob orientação do Prof. Dr. Peter Pál Pelbart.

SÃO PAULO
2025

Banca Examinadora

Aos imprestáveis e imperceptíveis
que rasgam a vida até o vivo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 - processo número 88887.935017/2024-00.

AGRADECIMENTOS

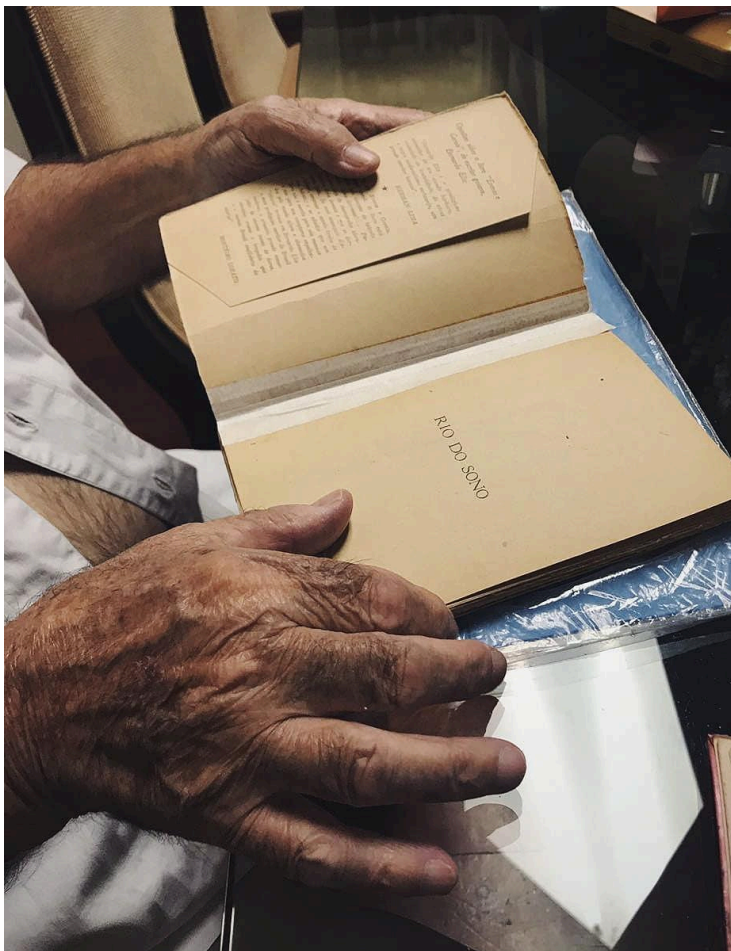
Ao professor e orientador Peter Pál Pelbart que me possibilitou o espaço para variar os pensamentos. Ao professor João Perci Schiavon, pela psicanálise viva que nos oferta em suas aulas, pela generosidade. À professora Rosane Preciosa, que aceitou lançar seu olhar vivaz e inspirador sobre este trabalho. Aos amigos e companheiros do Núcleo de Estudos da Subjetividade, pela escuta aberta à diferença e conversas animadas nas salas de aula e nos botequins. A Juliana Guida, que me incentivou a sustentar a singularidade da palavra que me interessava por no papel. A Nathália Noronha, com quem venho abrindo clarões nas palavras e no caminho. A Diogo, encontro que guarda a alegria do imprevisível, pelo escambo de leituras e pelas conversas que vão ao infinito. Aos amigos Valdir, pelo vivo interesse em ouvir que atravessa os anos, e Ametonyo por não me deixar esquecer que texto também dança. A Diego, amor que insiste além da forma, por sua irreverência silenciosa que me leva a caminhos desacostumados. A minha mãe, por seguir confiando em todos os desvios de rota em que me lancei e ao meu pai, pelo apoio incondicional. Agradeço ainda a meu avô, que me contaminou os olhos do rico silêncio de uma biblioteca para onde se possa fugir, e ao seu irmão, meu tio-avô Zé Godoy Garcia, a quem conheço pela vida que continua em sua poesia, agradeço pelo rastro de irreverência e pela intimidade com as palavras.

Agradeço ainda aos miúdos alumbramentos: a luminescência dos mandruvás, aos quero-quero do Rio Tocantins, à efêmera composição de corais que encontrei na beira do Bessa, aos gatos peludos de casa, aos caramujos do lago de Palmas, ao vento que arranja as folhas pelo chão, ao som das folhas a cair sem alardes. Ao fio invisível que faz uma lagarta voar antes de qualquer casulo.

*Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.*

MANOEL DE BARROS

o tempo folheando as mãos



RESUMO

GARCIA, Vanessa Godoy. Ser pedra depende de prática: rastros de uma escuta da inutilidade. 2025. (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2025.

Esta pesquisa propõe uma experimentação na fronteira entre clínica, performatividade e literatura na intenção de investigar a ideia de *inutilidade* e suas implicações clínico-ético-estético-políticas. Em face à razão produtivista neoliberal e à subjetividade-para-o-trabalho que dela decorre, interessa apurar a força daquilo que, sob este prisma, não presta para nada. A literatura de Manoel de Barros guia este percurso interessado na maquinação de outros modos de subjetivação, que não aqueles sustentados por um imperativo da produtividade e da eficiência. O trabalho passa pelo exercício de *Práticas de Inutilidade* - ação-elaboração que busca criar acesso a outros regimes de atenção e planos de percepção. Estas práticas, em si já uma clínica, abrem caminho para a reflexão acerca do modo como um pensamento afeito aos inúteis pode contribuir para uma escuta psicanalítica sensível à expressividade intersticial do inconsciente.

Palavras-chave: Inutilidade, Manoel de Barros, devir-imperceptível, escuta psicanalítica, poesia, performatividade, regime de atenção.

ABSTRACT

GARCIA, Vanessa Godoy. Being a stone depends on practice: traces of a listening of the useless. 2025. (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2025.

This research proposes an experiment on the border between clinic, performativity and literature with the intention of investigating the idea of *useless* and its clinical-ethical-aesthetic-political implications. Faced with neoliberal productivist rationality and the subjectivity-for-work that derives from it, it's important to ascertain the strength of what, from this point of view, is useless. The literature of Manoel de Barros guides this journey interested in the machining of other modes of subjectivation, other than those sustained by an imperative of productivity and efficiency. The work involves the exercise of *Practices of Useless* - an action-elaboration that seeks to create access to other regimes of attention and planes of perception. These practices, in themselves already a clinic, open the way to a reflection on how thinking about the useless can contribute to clinical listening that is sensitive to the interstitial expressiveness of the unconscious.

Palavras-chave: Useless, Manoel de Barros, becoming-imperceptible, psychoanalytic listening, poetry, attention regime.

A TODO TEMPO, p. 12

Encostar na minha língua a língua de Manoel

TEMPO (1), p. 15

A inútil Máquina-Manoel

Desapetite de coisas prestáveis, p. 16

Reencontrar-se com o vivo do encontro, p. 22

Plantas desejam minha boca para crescer por de cima, p. 27

Mangando de *Tudo*, p. 40

TEMPO (2), p. 46

Notas ao invisível, Caderno cartográfico para uma prática de inutilidades, Lugar apropriado para um homem ser folha, Texto-lesma,

Pretexto: notas ao invisível, p. 47

Tomar a chuva com os olhos, p. 54

Morder um bucho de gato, p. 59

Sujar o texto, p. 62

Fazer cócegas no couro do chão, p. 64

Esticar-se às horas inúteis, p. 67

[coisa besta essa de] Inventar-se um nome, p. 68

Sequestro, p. 71

Umedecer-se de ínfimos adornos, p. 75

Desaparecer, dançar, dançar, desaparecer, danç., p. 76

TEMPO (3), p. 80

É muito complicado dar ossos à água

Rumores de *infracontecimentos*, p. 82

Murmúrios de *Ínfiminfinitos*, p. 88

Gestos de babar uma escrita, p. 96

Sussurrar de ouvidos p. 100

FORA DO TEMPO, p. 111

Abocanhar a fruta: última nota (ainda um começo)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, p. 122

A TODO TEMPO

**Encostar na minha
língua a língua de
Manoel**

Estou curiosa de inúteis. Exercício de fazer a coisa vergar-se sobre si até vaziar precioso sumo imprestável. Espécie de prática de insistência no incapturável umbigo do instante, no sem tempo do acontecimento. Delírio ínfimo de fazer vaziar a vida da forma.

Não quero falar sobre Manoel, não quero falar sobre ele, quero espreguiçar-me até sua voz e fazer daí escorrer minha saliva. Desembrulhar no canto da boca uma cadência arrastada, um sotaque retorcido de casca grossa que vinha crescendo pra mofo. Quero mastigar a carne ácida dessa fruta suculenta: *Sirigoela*-Manoel, sorver seu suco e recordar-me de tardes infantis a trepar nos pés dessa pequena fruta amarelada, fazendo morada nos galhos por horas infindáveis - de quando o viver ainda estava tão amigado do brincar. Na cerrada carne da *Sirigoela*, entrar nas intensidades de um *ínfiminfinito* e efetuá-lo, desarranjando a ordem dos dias, armada da poesia-sumo de Manoel e fazendo do tempo ordenado uma mentira incompreensível, tão

entediante que nem coça. Quero roçar em sua palavra, decifrá-la com um olho cego e ouvir na pele onde seu gorjeio encosta no meu. Emaranhada ao hálito do poeta, vou desconhecendo um buraco sem fundo onde tropeçar e ir caindo até o sem fim dos dias, inventando no escuro do não-saber outras troças de vida. Quero lampejar Manoel de Barros e sua poesia-máquina de jorrar inutilizas.

TEMPO (1)

**A inútil
máquina-Manoel**

Desapetite de coisas prestáveis

Por vezes, à noite, percebo a presença viva do meu pulmão. Numa coceira interna, a pele de dentro se arrepiava repulsiva e o arranhar das unhas sobre o peito e as costas é ineficaz. Falta-me o ar. Na madrugada silente, as vísceras se arrepiam e a vida conta de seu sufocamento: objetivos, *tasks*, *check lists*, *goals*, todos por fazer. Impõe-se impermeável a linguagem da utilidade, toda código, norma e eficiência, lustrosa gramática do 'melhoramento'. Sinto-a assim em carne. Desde há muito o corpo não aguenta mais, exausto, de um lado, pelo adestramento e pela disciplina que nele se inscrevem, e de outro, esgotado daquilo a que se submete o dentro desde dentro, agonizando das excessivas formas a penetrar os poros e impregnar a carne, a fazer de si um agente colado neste processo de assujeitamento.

Falo do tal sujeito-empresa, aberração fantasmática que paira sobre o vivo, a minguá-lo, um alérgeno, enorme ácaro que se põe a dirigir a respiração - vital repetição. Engenhoca hiper performativa, máquina que

exaure os corpos, enrijece as juntas, esmorece as forças, "o corpo sofre de um sujeito que o age - que o organiza e o subjetiva"¹ - empreendedor de si. Sujeito de fazer obras, mantém os olhos vidrados no brilho ofuscante dos produtos finais, impecáveis, funcionais e submissos a finalidades convencionadas, coagulando uma versão do real que ganha estatuto de verdade única e aniquila a processualidade, a transfiguração, o inacabado, o desvio, o fracasso. Nessa asfixia empreendida pela razão produtivista, até mesmo o acidental é recapturado e esmigalhado na criativa máquina de moer da razão neoliberal.²

Não estamos mais entre as sociedades disciplinares, com seu forte acento na ordenação, nos sistemas fechados, na verticalização, como já situou Foucault. A noção de molde, característica deste sistema fundado na rigidez e no confinamento, que insere uma modelização para reproduzir subjetividades adequadas ao funcionamento das fábricas, das famílias, é lentamente sobrepujada pela ideia de modulação, em que as regras e parâmetros do jogo se alteram a cada jogada, a cada movimento, numa metaestabilidade em que nada nunca se encerra, se cristaliza, não há ponto

¹ LAPOUJADE, 2002, p. 85.

² DARDOT; LAVAL, 2016.

de chegada final, mas incontáveis *checkpoints* sempre a serem superados, num controle "de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado".³ A relação patrão-trabalhador situada no chão de fábrica é desterritorializada, erigindo o ilocalizável e ubíquo sujeito-empresa, que, num deleite obsessivo, demanda de si, *full time*, o *self improvement*, fundindo até o talo a vida ao trabalho.

Como aponta Suely Rolnik,⁴ a subjetividade contemporânea que emerge desta sociedade de controle visa a uma 'inovadora' dissolução das antigas hierarquias disciplinares, num desprezo por qualquer ilusão de estabilidade ou identidade, em uma 'disruptiva' horizontalização das dinâmicas relacionais. Essa aparente flexibilização, no entanto, põe-se a serviço tão somente do refinamento da perversão capitalística que afia a instrumentalização da vida não mais a partir de uma ordem externa que se impõe autoritária aos sujeitos, mas de uma subjetividade cujo desejo aponta para a submissão a essa ordem instrumental. Esse modo de subjetivação que se vende híbrido, horizontal, irreverente e flexível, se assemelha justamente àquilo que procura eliminar, na intenção de

³ DELEUZE, 2013, p. 228.

⁴ ROLNIK, 2021.

neutralizar sua agência de transformação da ordem capitalista. Assim, ainda que se aproxime em sua forma de modos que buscam liberar a vida de sua asfixia, difere-se absolutamente pelo tipo de força que o rege. O sujeito-empresa, supostamente livre para fazer seus horários, decidir seu percurso de formação, ser seu próprio chefe está submetido à névoa inebriante do capital cognitivo-cultural e sua política colonial do desejo, a capturar a vida e sua potência inventiva.

Faltam-me ares. O pulmão, imensa rede de alvéolos, monstruosa teia a se conectar com todas as outras teias que compõem o corpo e os corpos além e aquém do corpo, esburaca-se e esmaece soterrado na sobrecarga do projeto pensado, para falar com a língua de Fernand Deligny. É ele, aliás, que em seus delírios aracnianos evoca o desprovimento de todo *para* das redes, essas teias que se arrebentam por excesso de sociedade, organização "onde o ser consciente de ser se esbalda, [e que] pode tornar-se tão coercitiva, tão ávida de sujeição, que as redes se tramam fora da influência da sociedade abusiva",⁵ ali onde falha o imperativo do

⁵ DELIGNY, 2015, p. 25.

fazer. *Just do it!* Ao que respondo, convocando um certo Bartleby: preferiria não.

Submersa nesse vácuo de produtividade maníaca, utilitarista, de criatividade exibicionista e alto desempenho

emerge
vez ou outra

o silêncio

um tempo

algo desfunciona, desliga-se, desanda
um pulmão que deixa, por segundos,

de saber respirar

uma palavra
tropeça

são convocados os ouvidos a dar escuta
à suspensão da ação

à recusa
ao fazer-o-não

uma sutileza desobedece os parâmetros de resultado,
rebenta, silenciosa, uma renúncia que abre espaço não
como resignação estéril, mas numa enunciação de
outro ritmo possível.

Rota para fracassar o paradigma cinético da
modernidade e vislumbrar o brilho ativo da
inoperosidade, saborear a possibilidade de não. Do
esfarelamento de um Eu enrijecido, vem nascendo uma
língua estranha, com suas reentrâncias, sinuosidades,
rugas e papilas que excedem a estreita causalidade,
língua incompreensível aos versados no utilitarismo.
Uma língua quer, num só tempo, dizer e lambar a vida.

Nessa desobra tropeço em Manoel - "desaprender oito
horas por dia ensina os princípios"⁶ - e começo a
experimentar outra cadência para um pulmão
fremente. Prenúncio da passagem do padecimento do
sintoma ao devir-imperceptível do sinthoma⁷, este
outro modo de fazer com o problema.

⁶ BARROS, 2013, *O livro das ignorâncias*, p. 155.

⁷ LACAN, 2007.

Reencontrar-se com o vivo do encontro

Há que se dizer do encontro sem soterrá-lo em palavras mortas que se afastam das coisas, recuperando a cada vez sua viscosidade viva, seus rastros ainda úmidos. Dizer do encontro sem encerrar significados, reencontrar-se com o vivo do encontro.

Caminhoso em meu pântano,
 dou num taquaral de pássaros
 Um homem que estudava formigas e tendia para
 pedras me disse no ÚLTIMO DOMICÍLIO
 CONHECIDO: Só me preocupo com as coisas inúteis (...)⁸

Percebo agora que pouco me recordo de como andava eu no taquaral de pássaros quando do primeiro instante que estive com Manoel de Barros, poeta de umbigo enterrado no pantanal,⁹ mas cujas palavras escorregam úmidas por um espaço liso, inominável. Ali, nesse sei lá quando, encontrei na voz torta de Manoel reentrâncias que me diziam. Sei que, nesse tempo, já havia deixado o cerrado e a abundância de *sirigoelas* da infância para compor o rebuliço humano que faz São

⁸ BARROS, 2013, *Arranjos para assobio*, p. 155.

⁹ BARROS, 2010.

Paulo. Aqui, no longe, a poesia se arfava num fôlego de aliviar solidão. Na agonia, embrenhava-me em livrarias a folhear verbos com fome de dizer. Era no sem sentido de palavras embotadas para fora que enxergava algo de mim que não fosse mais Eu.

Mas Manoel, com sua força rastejante, não haveria de acontecer em altas prateleiras. Lembro-me do dia em que, num ensaio de teatro, entregues ao chão, alguém esparramou a edição de *Memórias Inventadas* em que seus poemas foram impressos em pequenas folhas soltas guardadas por uma caixa: primeiro indício oracular. Nesse tempo, a poesia constituiu-se, intimamente, exercício preditivo. Fazia eu uma pergunta, abria um livro e, na aleatoriedade, buscava uma resposta. Cada poeta assumia um ver que me acrescentava de estranhos ecos, de modo que, a depender do nó, já sabia a quem recorrer. Mas em Manoel não encontrava respostas, só continuidades, era letra pra perder rumo. Não servia de me prever.

Manoel não serve a nada, aliás, só responde àquilo que é desperguntado, diria. Ao deparar-me com sua palavra 'sem pensa', experimento roçar minha língua na sua língua lesma e nisso volto a botar reparo no limo das

coisas, naquilo que escorre e baba da dureza das coisas.

Nesse encontro, que segue se fazendo vivo, recupero curvaturas da minha língua, sinuosidades conjugatórias que me arrastam até um tempo em que há muito não encostava. Certos usos prepositivos de Manoel, por exemplo, lembram-me de quando aportei em São Paulo, a boca ainda suculenta da saliva grossa do cerrado - primeira terra onde nasci. "Preciso de atrapalhar as significâncias", escreve Manoel, que me recorda um "preciso de voltar para casa", dizia eu. Este excesso prepositivo me foi ressecando no sal dos mares de morros. Este *de* - inútil e até mesmo reputado inculto, ardido aos 'bons ouvidos' - é dispensado pelo ritmo-eficiência do sotaque paulistano e, assim, meu idioma foi perdendo as curvas, a fala ficando menos arrastada, o "r" tropeçando no céu da boca e deixando de apertar o fundo da garganta. Ler Manoel convoca em mim uma tessitura fóssil da voz, que, longe de buscar a representação de um jeito de falar, faz um movimento de reencontro com um modo de enunciação ainda não aparado pelos enrijecimentos do ser, do adulto, do humano. Manoel coloca minha língua de volta na direção de um dizer que não fora ainda recalçado.

Nessa terra-Manoel deliro ainda um parentesco poético, uma fabulação que desorganiza genealogias. Manoel de Barros, poeta mato-grossense, nascido em 1916, remonta ao meu tio-avô a quem nunca conheci e que é também, de família, o que tenho de mais parente. Ti-Zé Godoy, de quem tive notícias aos 9 anos de idade, quando sua foto impressa no jornal da pequena cidade onde nasci anunciava sua morte: é José Godoy Garcia, poeta, filho de Jataí-Goiás, 1918, vivido entre o centro-oeste e onde quer que fosse, entre o modernismo goiano e a militância marxista. Escreveu ele:

Eu sou uma nuvem.
 Se eu sou – a nuvem se chama José Garcia.
 Se eu sou – José Garcia anda vagando o céu pela tarde.
 José Garcia vagando o céu pela tarde indiferente à sorte do mundo (...).¹⁰

Zé Garcia, José Godoy, Ti-Zé Godoy, Zé Viramundo, Zé Garcia Arco Íris, existência de tantas alcunhas, nomes vacilantes a arranhar o Nome – variância que escolhi carregar entre Vanessa e Aversa –, é o Manoel que tenho comigo em casa. Um me recupera a proximidade com o outro e ambos me dão direção de uma língua sempre

¹⁰ GARCIA, José Godoy, 1999, *Poesia*, p. 213. Trecho da primeira parte do poema *Zé Garcia Arco-Íris*, publicado no livro *Araguaia Mansidão*, de 1972.

nascente. Dos dois, só ouvi histórias, de modo que conheço o que sonhei e com o que sei chacoalho as ressecadas folhas da árvore familiar, bagunçando origens, inventando alianças e delirando parentescos na indiscernibilidade do chão.

Nesse encontro com Manoel tenho aprendido a maquinar irrelevâncias, tecer histórias com preposições e familiaridades esdrúxulas. Firmo o gosto de elaborar uma vida em suas curvas minuciosas que escapam das significâncias maiúsculas, lógicas, fazendo inchar o sentido daquilo que apresenta-se ínfimo, dispensável, mas que borda a complexa teia de uma existência. Manoel tem habilidades de revirar o ser e destituí-lo de seu É, instilando a vida de despropósitos, no encontro sublime com o vivo da pedra, da chuva, da lesma. Ensinaamentos de monumentalizar o inútil.¹¹

¹¹ BARROS, 2013, *Livro sobre nada*, p. 318. "Hei de monumentalizar os insetos."

Plantas desejam minha boca para crescer por de cima¹²

O inútil-Manoel é máquina que desorganiza o ser-para-a-máquina. Esta existência instrumental entulhada de funções e botões e programações pode se desmontar ao experimentar "a lascívia do ínfimo"¹³ com que nos morde o texto de Barros, gozando ao encostar não na meta alcançada, mas na suavidade radical de um instante sublime por sua delicadeza ordinária. Manoel, em seus poemas, fabula individualizações fora do sujeito que se deleitam ao roçar pelo mundo com seus umbigos e tripas expostos, que monumentam a inutilidade ao atribuir desvalor – estranha espécie de valor que subsiste imperceptível à axiomática capitalista orientada pela noção de equivalência geral – àquilo que vem desbotado de glória.

Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado,
ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais – o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.

¹² BARROS, 2013, *Retrato do artista quando coisa*, p. 331.

¹³ BARROS, 2013, *Arranjo para assobios*, p. 167.

São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar
pregos enferrujados. (...) ¹⁴

O abandono toma tamanhos de privilégio porque destituir-se da mera função é alargar-se. A experimentação da inutilidade é um alargamento da existência e, por isso, não se confunde com entregar-se a um nada esvaziado de vivo, a uma resignação. Um homem passa o dia a catar pregos - sua *prática de inutilidades* - que o assoberba ao estado ínfimo de coisa, ganhando soberano porte de prego enferrujado com os joelhos vergados sobre o chão. Passar de homem a prego expirado de sua função de pregar é uma *graduação*, devir-imperceptível em que se cresce, mas para alturas rasteiras. Um prego que deserta a estreita função de pregar e que, torto ou enferrujado, não exerce mais sua 'pregância', inventa para si uma vida forasteira, existência que desacata a finalidade. É preciso ver o prego de viés - desaprender florescido ao se deixar bolinar pela letra de Manoel.

Em *Retrato do artista quando coisa*, livro publicado em 1998, o poeta leva sua existência à incorporação "pelas

¹⁴ BARROS, 2013, *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, p. 410.

formas pelos cheiros pelo som pelas cores"¹⁵,
 espichando-se até a beira das insignificâncias: pedras,
 folhas secas, moscas, trapos, deformando sua voz até
 ganhar grandeza de coisa. O livro abre:

Retrato do artista quando coisa: borboletas
 Já trocam as árvores por mim.
 Insetos me desempenham.
 Já posso amar as moscas como a mim mesmo.
 Os silêncios me praticam. (...) ¹⁶

O artista anuncia sua entrada num devir árvore, num devir mosca, num devir silêncio, ab-rogando seu lugar de humano-escritor e escrevendo-se na medida em que se alia intimamente a outras existências, a heterogêneos, contaminando-se a tal ponto de árvore que, para a coreografia das borboletas, seu pelo é pouso. Se, conforme apontam Deleuze e Guattari, o serialismo e o estruturalismo ordenam características conforme suas semelhanças ou diferenças, aqui, "não nos interessamos pelas características; interessamo-nos pelos modos de expansão, de propagação, de ocupação, de contágio, de povoamento."¹⁷ O alargamento de Manoel até as avencas, as moscas, os ciscos não se dá pelo registro

¹⁵ BARROS, 2013, *Retrato do artista quando coisa*, p. 334.

¹⁶ BARROS, 2013, *Retrato do artista quando coisa*, p. 331.

¹⁷ DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 20.

da correspondência de atributos, ou por acúmulo de traços que o demoveriam de humano a bicho, de gente a planta; tampouco no rastro de um rançoso embate discursivo entre natureza e cultura ou ainda ruralidade e urbanidade, tema recorrente à literatura modernista e por vezes transplantado ao entendimento da poesia barrosiana; mas por uma vizinhança estreitada com a multiplicidade dos modos de existência não humanos.

Uma rã me pedra. (A rã me corrompeu para pedra. Retirou meus limites de ser humano e me ampliou para coisa. A rã se tornou o sujeito pessoal da frase e me largou no chão a criar musgos para tapete de insetos e de frades.)¹⁸

No retrato que vai se desenhando, extrai-se o Eu, o artista já não há, o que se põe na palavra é um rearranjo movediço de gente com ordinária matéria-mundo. "Se o escritor é um feiticeiro é porque escrever é um devir, escrever é atravessado por estranhos devires que não são devires-escritor, mas devires-rato, devires-inseto, devires-lobo, etc."¹⁹ Nesse processo, o poeta se desvencilha do douto conhecer de uma certa racionalidade humana, de uma intelectualidade inclinada a letras adornadas e ocas, sofrendo "alguma

¹⁸ BARROS, 2013, *Retrato do artista quando coisa*, p. 332.

¹⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 21.

decomposição lírica até o mato sair na voz²⁰, exercendo um saber selvagem que exsuda de sua experiência erótica e singular de "apalpar as intimidades do mundo"²¹, de seu entremeamento aos aromas e gostos, sem, no entanto, jamais desinteressar-se pelo burilamento que convoca a palavra poética.

Há um cio vegetal na voz do artista.
Ele vai ter que envesgar seu idioma ao ponto
de alcançar o murmúrio das águas nas folhas
das árvores.
Não terá mais o condão de refletir sobre as
coisas.
Mas terá o condão de sê-las.
Não terá mais ideias: terá chuvas, tardes, ventos,
passarinhos... (...) ²²

A voz do artista precisa de estar fértil de musgo, de moscas, de pedras, intercessores de Manoel, para envesgar os códigos da linguagem e então ganhar alturas de um dizer que não seja representativo nem fixado, mas encarnado e prevalecido de um estado de variação contínua. Há um equívoco a se efetuar na ordem, transmutando o verbo em gorjeio, o dito em dizer - para fazer ventilar por este território as palavras

²⁰ BARROS, 2013, *O livro das ignorâncias*, p. 277.

²¹ BARROS, 2013, *O livro das ignorâncias*, p. 273.

²² BARROS, 2013, *Retrato do artista quando coisa*, p. 332-333.

de Lacan²³ – e assim desaparece a imagem de autor para passarinho, para cisco, para traste, uma *hecceidade* – retrato do artista quando coisa. É nesse devir-coisa que uma língua singular aparece.

Por essa errância do verbo, a poesia de Manoel, escrita em seu 'manoelês arcaico', como nomeia o poeta seu desarranjo da linguagem, dá a ver sua inclinação para escavar o idioma, erodi-lo, sequestrá-lo, e dar-lhe outros usos. Narrar-se pede a invenção de uma língua própria, doente de si, suja de sua infância, de seus escuros.

Escrevo o idioleto manoelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene. [Para limpar das palavras alguma solenidade – uso bosta.] (...).²⁴

Nesse poema, Barros anuncia seu idioleto e diz de sua inclinação em fazer descambar uma Grande Língua, desterritorializá-la, fazer vadiagem com a palavra. Ele insiste em um uso intensivo da língua, buscando "o rumor das palavras mais que o significado delas"²⁵, a palavra ágrafa, antes ainda dos murmúrios – "escrever

²³ LACAN, 2012, p. 213. "Que se diga, como fato, fica esquecido por trás do que é dito, no que se ouve."

²⁴ BARROS, 2013, *Livro sobre nada*, p. 314.

²⁵ BARROS, 2013, *O livro das ignoranças*, p. 284.

como um cachorro que faz seu buraco, um rato que faz sua toca",²⁶ ou escrever como uma lesma - arquissema barrosiano²⁷ - esse ser gosmento, ele toda uma língua, que escorrega lisa erotizando as superfícies -, atrapalhando os usos simbólicos e significantes da linguagem e demorando-se em deleitá-las. Em uma nota de rodapé a este mesmo poema, o autor acrescenta:

Falar em arcaico: aprecio uma desviação ortográfica para o arcaico. Estâmago por estômago. Celeusma por celeuma. Seja este um gosto que vem de detrás. Das minhas memórias fósseis. Ouvir estâmago produz uma ressonância atávica dentro de mim. Coisa que sonha de retravés.²⁸

Em Manoel, o arcaico é aquilo que recupera suas 'natências', que não economiza em chafurdar na lama originária que arremessa a língua ao futuro, que brota de uma ordem outra, estranha à da gramática hegemônica e que opera uma limpeza da língua *standard*, sujando-a, melando-a, fazendo dela escorrer um idioleto, uma invenção, uma saída das formas

²⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2023, p. 39.

²⁷ Manoel utiliza o termo "arquissema" para elencar algumas palavras que guiam sua escrita, palavras logradas de seu armazenamento ancestral, diria ele. São algumas delas: árvore, sapo, lesma, antro, musgo, boca, rã, água, pedra, caracol, parede. Segundo o autor, a palavra "arquissema" vem do grego *arkhês*, aquele que comanda.

²⁸ BARROS, 2013, *Livro sobre nada*, p. 314.

estabelecidas, dos sentidos acostumados. O poeta encontra no retorno ao território existencial de sua infância uma outra via de enunciação que não limitada àquela dos ilustrados poetas metropolitanos com seus dizeres legitimados pela academia, mas aberta aos murmúrios das pedras e dos limos, discretas existências que crescem em força, extensão e consistência através do preciso arranjo semântico e sintático ousado pelo autor.

Grifar o “manoelês arcaico” e sua tendência a desconcertar a língua instituída não é exotizar, abundar de clichês ou ser pouco criterioso com a escrita de Manoel, como alguns poderiam sugerir, mas seguir abrindo passagem à potência inventiva e revolucionária que percorre seu texto, ainda que sem alarde. O gesto que faz a língua de Manoel, sua curvatura específica, que se alonga até as inflexões faladas e ouvidas nas planícies inundadas do pantanal, configura-se não como um regionalismo, mas como maneira singular de existir do escritor que, à medida em que afia sua letra, aproxima-se cada vez mais de um existir à sua maneira, dando mais realidade ao Manoel-poeta, ao passo em que cresce de real também seus desprezados e minúsculos arquissemas.

Barros é desses autores que trabalham por uma literatura menor. Esta, ao modo como descrevem Guattari e Deleuze²⁹, guarda três características. A primeira é o movimento de desterritorialização da língua, esse arrastar da palavra sobre a terra que machuca o idioma e faz dele brotar uma baba espessa, de aroma insólito, singular. O idioleto manoielês arcaico desterritorializa a língua hegemônica pela impossibilidade de se falar desde as natências, "de chegar ao início da voz, ao seu primeiro balbucio",³⁰ de entrar num devir-vegetal, num devir-criança, num devir-bugre a partir de uma língua excessiva em humanidade e adultidade.

Veja que bugre só pega por desvios, não anda em estradas -

Pois é nos desvios que encontra as melhores surpresas e os aritícuns maduros.

Há que apenas saber errar bem o seu idioma.³¹

A língua de Manoel é contaminada de criaçamentos e lascívias, num exercício de estilo selvagem e desimpedido, que se inclina até os inícios, muito perto do silêncio primordial, ali de onde incessantemente criam-se as condições para brotar um dizer inventivo

²⁹ DELEUZE; GUATTARI, 2023.

³⁰ BARROS, 2010, p. 80.

³¹ BARROS, 2013, *O livro das ignorâncias*, p. 295.

que, em seus delírios sintáticos e gramaticais, perturba a eficiência das palavras de ordem que não comportam variação³², fazendo prevalecer uma outra natureza de palavra de ordem – palavra poética, encantada, secreta, assombrosa –, uma pequena língua que delira a lei.

A segunda característica apontada pelos autores franceses é a conexão imediata do individual ao político. Manoel afirma que, ao escrever, está interessado simplesmente em fazer alguma beleza, em arrancar das palavras novos matizes, fazendo com que os idiomas "não morram a morte por fórmulas, por lugares comuns."³³ No entanto, ainda além, o faz ao mesmo tempo em que insiste em monumentalizar o traste, o lixo, o bocó. Lustra o restolho, sagra a lesma. Sua poesia reveste de importância as crianças, os vagabundos, os musgos, beatifica os desimportantes, os degenerados, fazendo troça com o sistema de valores capitalista, entortando a lógica da eficácia, imaginando um mundo em que "o cu de uma formiga é também muito mais importante do que uma Usina Nuclear".³⁴ Manoel evoca uma suavidade originária que se faz sensível no pouso de uma folha que cai, no

³² DELEUZE; GUATTARI, 2012a.

³³ BARROS, 2010, p. 46.

³⁴ BARROS, 2013, *O livro das ignorâncias*, p. 316.

remanso da madrugada, nos primeiros raios de uma manhã calorosa, na cadência noturna de um pulmão. A escrita da inutilidade empenhada por Barros é uma escuta da suavidade em seus *ínfiminfinitos*³⁵. E, como acentua Dufourmantelle, "atentar contra a suavidade é um crime inominável que nossa época comete frequentemente em nome de suas divindades: eficácia, rapidez, rentabilidade."³⁶ A monumentação dos insetos, empreendimento de Barros, este elogio ao que é desprezado pela ordem capitalista da produtividade, é imediatamente política.

Finalmente, a terceira característica de uma literatura menor é sua inaptidão às enunciações individuais, sendo pouco afeita aos mestres, aos gênios, funcionando como uma máquina coletiva de expressão em que, longe de haver um sujeito de enunciação, enuncia um povo porvir. Nesse rumo, Manoel é um poeta que vai se dissolvendo a "entrar em estado de árvore"³⁷, interessado menos em fazer obra do que em fazer vaginação com a palavra até seu retrato

³⁵ Essa contração, *ínfiminfinito*, é proposta ao longo da pesquisa e será abordada mais demoradamente no terceiro tempo do trabalho.

³⁶ DUFOURMANTELLE, 2022, p. 53.

³⁷ BARROS, *Retrato do artista quando coisa*, 2013. p. 336.

aparecer³⁸: o poeta não é autor, é maquinação de seu encontro erótico com a palavra, com a chuva, com o musgo, com a infância, com o cheiro do sol, esse povo. E assim, desses prosmicuamentos, o dizer que emerge não se refere simplesmente ao ver de Manoel como autor a observar o mundo, ou, como se poderia pensar, a cena pantaneira, circunscrevendo o sentido de sua enunciação a um regionalismo exotixante, mas, antes disso, a um modo de se relacionar com a memória, com o erótico, e com a existência em seus expoentes ínfimos. O texto de Barros pode ser pensado como um agenciamento coletivo de enunciação que convoca seus entes de linguagem diretamente à expressão e não à representação, fazendo passar intensidades e emergir sentidos de superfície, sempre insistindo em sua escala ínfima, boba, inútil. "Bugre não sabe a floresta, ele sabe a folha."³⁹

É no revés da eficiência, no fazer corpo com o não-humano, na escuta inútil da suavidade, que Manoel desobra, parindo uma língua híbrida, estrangeira, secreta.

³⁸ BARROS, *Retrato do artista quando coisa*, 2013. p. 333. "Faço vaginação com palavras até meu retrato aparecer".

³⁹ BARROS, 2010, p. 84

O “ídioteo manaelês arcaico”, língua preme de origens e futuros, não é de efetuar - inclinação de língua canonizada -, mas antes de desfazer, tombar, rolar, descambar, desvairar.

Há quem receite a palavra ao ponto de osso, de oco;
ao ponto de ninguém e de nuvem.
Sou mais a palavra com febre, decaída, fodida, na sarjeta.
Sou mais a palavra ao ponto de entulho.⁴⁰

Nesse roçar indistinto entre gente e suas continuações recíprocas em traste no mundo, nesse esburacamento da língua normativa, o fazer-obra se desgoverna, o projeto pensado se esburaca, perde o prumo e não se realiza em suas vocações de eficácia. O que acontece é antes o acontecimento, não a meta, mas o desvio, a rachadura, o processo, em suas inacabaduras e imprevisibilidades. É para aí que quero me esticar.

⁴⁰ BARROS, *Arranjo para assobios*, 2013, p. 158.

Mangando de Tudo

Em *Livro sobre nada*, publicado em 1996, e importante marco em sua poética, Manoel dedica-se à sagração do entulho, do inútil, da desobra, ao experimentar a ousadia gaiata de retirar a obra da obra, levando a palavra à invenção de mundos que não se aprisionam pelo imperativo de fazer sentido.

O que eu gostaria de fazer é um livro sobre nada. Foi o que escreveu Flaubert a uma sua amiga em 1852. (...) Ele queria o livro que não tem quase tema e se sustente só pelo estilo. Mas o nada do meu livro é nada mesmo. É coisa nenhuma por escrito: um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc, etc. O que eu queria fazer era brinquedos com as palavras. Fazer coisas desútil. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora.⁴¹

Diferentemente de Flaubert, Manoel não busca em *Livro sobre nada* um dizer que se sustente tão somente pelo exercício da forma, mas, ladeando o escritor francês, o poeta cuiabano não saliva por um nada existencial, ele quer é botar a palavra em estado de coisa nenhuma, de bestagem, inventar cambalhotas com a língua, dar relevo a estranhos mundos. A obra, este projeto pensado, que tudo absorve e destrói o que é incapaz de

⁴¹ BARROS, *Livro sobre nada*, 2013, p. 303.

assimilar, que nos seduz como finalidade a ser alcançada - insígnia do sucesso -, não passa de pretexto,⁴² ocasião para que se irrigue uma rede intensiva entre palavras, pedras, lesmas, troços, manoeis, existências, ventos, ciscos. "Não queria comunicar nada. Não tinha nenhuma mensagem. Queria apenas me ser nas coisas."⁴³ Espécie de devir molecular, exercício removido de propósitos anteriores, símbolos e significâncias.

A frase que inaugura a primeira parte de *Livro sobre nada* versa: "As coisas tinham para nós uma desutilidade poética."⁴⁴ Manoel faz, desde o princípio, uma anunciação das grandezas do inútil, afirmando que aquilo que se presta à poesia, não presta para mais nada. É preciso despojar a utilidade das coisas, lapidar suas inutilidades, crescê-las de abandono, encostá-las num canto escuro para que possam então erguerem-se à matéria de poesia, inutilidade primordial.

Mas esta inclinação ao desuso, este nada em Manoel não é em nenhum momento aquele de um niilismo passivo, de um esvaziamento puramente destrutivo, de uma letargia ascética que se paralisa por uma falta de

⁴² DELIGNY, 2015.

⁴³ BARROS, 2010, p. 58.

⁴⁴ BARROS, *Livro sobre nada*, 2013, p. 305.

sentido que se impõe diante de um mundo que não se apresenta tal como se idealiza. Ele é antes o seu avesso: uma criação que devém do desmonte da ordenação hierárquica e moralista das coisas, do desbarrancar dos sentidos sobredeterminados, do reviramento das palavras sepultadas em clichês significantes. O nada em Manoel é espaço de invenção pois, como bem aponta Pelbart,⁴⁵ a percepção de um mundo desprovido de sentido só imobiliza aquele que tem a vontade adoecida, já que para uma vida superabundante, como a que faz germinar a literatura de Manoel, o esvaziamento das significações presumíveis é campo para que se crie e recrie sentidos novos em variação contínua. Essa via ativa é anunciada em uma passagem ao final da segunda parte do livro:

O que não sei fazer desmancho em frases.

Eu fiz o nada aparecer.

(Represente que o homem é um poço escuro.

Aqui de cima não se vê nada.

Mas quando se chega ao fundo do poço já se pode ver o nada.)

Perder o nada é um empobrecimento.⁴⁶

⁴⁵ PELBART, 2013.

⁴⁶ BARROS, 2013, *Livro sobre nada*, p. 318.

Este nada que Manoel faz aparecer não é uma diminuição, mas um excesso a se produzir e se arriscar: é preciso um ato para que o nada venha a ser. É preciso ainda chegar perto do nada representado, passar além da representação, para deixar de nada ver e então ver uma outra espécie de nada, este nada que é campo de possíveis. Realiza-se, assim, um movimento clínico, um inclinar-se em direção a este nadinha escorregadio que se enuncia - que em outra língua poderíamos chamar formações do inconsciente - e tocá-lo em sua manifestação primordial, num "movimento em que se 'avança' para trás, espécie de rio que corre para a nascente."⁴⁷ O nada que pode aparecer é o lapso, o ato falho, o sonho, aquilo que escorrega por entre os sentidos objetivados, apriorísticos, estriados, mas também as conexões inantecipáveis, os pequenos gestos, os acontecimentos mínimos que estranhamente fazem os ouvidos saltarem. Fazer aparecer o nada é a escuta analítica atenta aos tropeços da linguagem, a outros modos de enunciação possíveis, aos feitiços da palavra e do encontro.

Barros imprime neste livro um dizer em estado de fuga, incapturável, que desliza a mangar com as totalidades

⁴⁷ BARROS, 2016. p. 8. Berta Waldman acerca de Manoel no prefácio da edição de 2016 de *Livro sobre Nada*.

e a inventar o nada a cada instante, de modo a recolher-se nele brevemente. Esta materialidade fugidia escapa dos enredamentos do estatuto de Obra. Como poderia pretender-se e constituir-se obra um livro sobre nada? O livro não é um monumento, mas antes uma ação de monumentalizar desimportâncias, despregando a palavra da função de significar e liberando aquele que se depara com o livro de uma presumida função de interpretar.

Manoel se apoia sobre o nada, verte-se em direção a ele, e põe-se a escutar o despropósito em sua singularidade - e a singularidade em seu despropósito -, realizando assim e ao mesmo tempo um movimento de não se apoiar sobre coisa alguma, 'sobre nada', recusando as significações prontas, as cadeiras que funcionam de sentar, as palavras que servem a explicar, as totalizações que asfixiam possibilidades e desvarios. Ali pelo meio da terceira parte do livro, guiados por sua trepidação cadenciada em versos apressados que se dispõem como caminho de pedras a se saltar, tropeçamos: "Melhor que nomear é aludir. Verso não precisa dar noção." - seguido de um: "O que sustenta a encantação de um verso (além do ritmo) é o

ilogismo."⁴⁸ Ensino de que palavra que diz desde o afeto, que num devir voa fora da asa⁴⁹, que insiste em ser baba ainda informe é aquela que acessa o além e o aquém da lógica neurótica, que descamba do Saber da Razão para roçar em um não-Saber e faz teia com os obscuros e férteis campos não iluminados pela utilidade produtivista. Palavra encostada na pulsão.

⁴⁸ BARROS, 2013, *Livro sobre nada*, p. 320.

⁴⁹ BARROS, 2013, *O livro das ignoranças*, p. 278.

TEMPO (2)

Notas ao invisível, Caderno
cartográfico para uma
prática de inutilidades, Lugar
apropriado para um
homem ser folha,⁵⁰
Texto-lesma,

⁵⁰ BARROS, Arranjo para assobios, 2013, p. 179.

*Mas, ou muito me engano,
ou acabo de escrever um
capítulo inútil.*

MACHADO DE ASSIS

Pretexto: notas a um invisível

Os escritos que se seguem são rastros da elaboração de uma prática de vida enriquecida pela inutilidade, de uma dedicação cotidiana à escuta sensível dos instantes que escapam às dinâmicas que funcionalizam o viver e drenam seu pendor à invenção, ao delírio, ao desvio. Essa prática vai ganhando seus contornos ali mesmo na experiência, Tateando suas possibilidades, traçando caminhos em ato e descobrindo o que pode, na medida em que se efetua.

Silenciosa incursão, esta *prática de inutilidades* se elabora inspirada fortemente pela palavra-traste de Manoel de Barros, conjurador de despropósitos, mas também atenta aos sussurros de fundo de Georges Perec e suas cartografias do infra-ordinário, e ainda aos sopros refrescantes de Anne Dufourmantelle e sua suavidade radical, além das tantas vozes mais que percorrem sem nome um corpo que vive e escreve com o vivido.

A constituição desta prática de colheita do murmúrio da inutilidade e sua escrita intensiva, embrenhada neste murmúrio, se dá na vizinhança com a

performatividade enquanto prática artística, numa reconvocação de minha proximidade com as Artes do Corpo, campo que pude experimentar vivamente até que abri certa distância, nos últimos anos, rendida às forças esvaziadoras do regime de utilidade. Remontar aqui essa relação é agir de outro ponto de vista com essas linhas constritoras, exercendo a força de que se padece, bem diria Schiavon.⁵¹ Ademais, essa aproximação dos exercícios de inutilidade a uma prática performativa interessa sobretudo quando entendemos que, originariamente, toda prática artística, e acentuadamente a performance, guarda em si uma vocação de instaurar o incapturável.

Performances são composições atípicas de velocidades e operações afetivas extraordinárias que enfatizam a politicidade corpórea do mundo e das relações. O performer age como um complicador, um desorganizador; cria para si um Corpo sem Órgãos ao recusar a organização dita "natural", organização esta evidentemente cultural, ideológica, política, econômica.⁵²

Se podemos apostar que a arte, em seu estado ainda não cafetinado, não serve à nada, já que não se põe a serviço de um sistema convencionado por códigos de eficiência, produtividade e funcionalidade, presta ainda menos serventia um acontecimento efêmero,

⁵¹ SCHIAVON, 2019.

⁵² FABIÃO, 2013, p. 6.

frequentemente sem objeto ou produto, como o é a assim chamada *performance art*.

A abertura a uma escuta da variedade de existências vaporosas que escapam ao imperativo fastidioso da produtividade capitalística e aos regimentos organizacionais neoliberais - e a potência de criação que se desprende dessa escuta sutil, pretensão da *prática de inutilidades* - pode ser forjada ali onde se esfumaça a fronteira entre performatividade e clínica. Ao se emprestar à experimentação de um caminhar com a cabeça, respirar com o ventre, ver com a pele, para valer-me de procedimentos ventilados por Deleuze e Guattari quando elaboram sobre a criação de um orpo sem órgãos, a existência se movimenta no sentido de um alargamento contra a organização que constrange a vida, os modos de existência e as potências de invenção ao impor-lhes "formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil".⁵³ A coreografia da inutilidade é uma partitura dedicada à reversão pulsional.

Para que esse encontro viesse a ocorrer, estabeleci esta prática em duas vias: inicialmente, dispus-me ao

⁵³ DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 24.

encontro fortuito com a inutilidade, deixando-me ser tomada de assalto por esse regime intensivo de atenção e relação; num segundo momento, estabeleci um breve programa performativo, prescrevendo ações simples e despojadas de um sentido que satisfizesse uma racionalidade finalista, a serem realizadas na intenção de fazer agir uma inutilidade, instaurá-la. Esses dois momentos da prática se embaralham no tempo a tal ponto que não saberia mais distingui-las.

A partir da realização destas ações, textos são produzidos de modo a dar uma tessitura de voz ao que se passa: nasce uma palavra entranhada no acontecimento. Estes textos, que em sua elaboração também compõem a prática performativa, os tenho chamado de *notas a um invisível*. Pensei-os, a princípio, ao modo de contos, por sua inclinação a enunciar devires,⁵⁴ mas a narrativa emanava ainda mais breve que a brevidade dos contos, ainda mais veloz e ainda mais desprovida de espinha dorsal; pensei-os, então, crônicas, mas pareceu-me de pronto equivocado por haver algo nessas palavras inúteis de um tempo desorientado que resiste em ser crono-metrado; pensei-os, enfim, “notas de rodapé a um texto

⁵⁴ DELEUZE; GUATTARI, 2012a.

invisível”, amigando-me de uma proposição feita por Enrique Vilas Matas, em seu *Bartleby e Companhia*, texto em que cataloga autores que se dedicaram ao silêncio das palavras, escritores sem conjunto de obra, que insistiram em preferir não, ao modo de Bartleby, a responder afirmativamente à expectativa de uma lustrosa eficiência literária. A proposição me pareceu apropriada, mas enxuguei ainda mais as palavras, retirando o texto e o rodapé, chegando em notas a um *invisível*. Este invisível é a experiência, o inapreensível do acontecimento ao qual se deita palavras que ainda não conformam um texto. Estas notas insistem em não se dobrarem à organização estrutural cara à necroverbose dos acadêmicos – como diz Manoel de Barros desta língua morta por autoasfixia –, insistindo em babar por todo o corpo da página em que se inscrevem, traçando rabiscos pelas laterais, exclamações, letras miúdas entre as linhas, pequenas dobras nos cantos das folhas do vivido.

Esta escrita que se anuncia é um rastro viscoso das variadas investidas de escuta da inutilidade que são e dão a ver possibilidades de existência que se inventam em um corpo implicado na experiência, indo além e aquém das finalidades e fazendo emergir um dizer a uma só vez singular e extra-pessoal. Uma cartografia

que se quer um corpo-lesma em devir a deixar pelo
pedaço de mundo que percorre um traçado gosmento
de cintilante muco, suco nascido do roçar sereno,
erótico e insistente de sua pele contra o pelo da Terra.

Tomar a chuva com os olhos

Chover é um acontecimento. Da janela de casa, avisto algumas árvores. É também verdade que se não as olho, não as vejo. Estão ali, silenciosas, na maior parte do tempo, barulhando-se eventualmente de maritacas, quando bem, e quando não, num urrar de máquinas que chegam vez por ano a tosá-las violentamente. Mas silêncio é verbo de árvore e assim também o é no caso dessas umas árvores que silenciam na janela de casa. A vista aberta, escassa em São Paulo, convidou-me a viver aqui, mas sabe-se lá o que se passa numa casa no centro da cidade que depois de fincar-lhe os pés, nunca mais se mira outro canto que não o dentro armado de luz branca.

Não é o caso.

Hoje, há pouco, às três da tarde, o céu se pintou de negro. Há dias que chove à tardinha. Ontem mesmo tomei água na cabeça voltando para casa. Mas, hoje, a mim, o convite veio outro... Sede de banhar os olhos. Acontece que, nesse

cair da noite às três da tarde, avistei, de rabo de olho, despretensiosa, a antiga janela do quarto, que se sustenta não por sua eficiência em nos guardar do clima e dos sons da rua, mas por sua trepidante guarnição de ferro – tons de uma inútil beleza daquelas que só o desgaste pode inventar. Enquadrado pelas vidraças que guardam em si um pedaço de tempo, o céu, enegrecido. Um convite sutil. Diz-se da suavidade que ela não anuncia sua entrada, convida-se continuamente.⁵⁵ Deixo-me contaminar, vou acolhendo sua aparição insistentemente. Quando vi, botei-me ali a mirar: a chuva chovendo. Um encontro. Pus-me a roçar os olhos nos ares da água da chuva.

O que se passa quando o céu desaba em uma torrente de água? Gosto de delirar que, nesse deslizamento, algo suspende o estreito presente do tempo, o ritmo frenético, excitante e insuportável da cidade fica escorregadio. Quem saía ao mercado, aguarda. Quem perseguia o ônibus, aguarda. Quem voltava do almoço,

⁵⁵ DUFOURMANTELLE, 2022.

aguarda. A chuva guarda alguma coisa do tempo... Mas, nessa cidade, tudo sempre continua a continuar indiferente a um temporal. Arma-se uma briga com o céu liquefeito . Há muito, sempre, a cumprir. O céu cobra.

Não é o caso. Hoje, há pouco, tomo a chuva com os olhos.

Minha casa opõe-se à Santa Casa, hospital centenário da idade de suas figueiras e de suas histórias de bebês abandonados ao cuidado das freiras na velha Roda dos Expostos. As vidas se arrastam por essas ruas, entre filhos da roda e cadáveres no quartinho do necrotério que avisto da janela do quarto onde vivo... E, de repente, somem as pessoas. Ninguém na calçada. A água despenca e lava as ruas imundas do centro. Sobe até o quinto andar, onde estou, um aroma quente e terroso, cheiro de infâncias. Penso em minha avó. Quando havia me mudado há pouco para São Paulo, ela nos ligava ao ver no noticiário que uma tempestade havia inundado a cidade. Minha irmã explicava a ela que aqui é lugar grande

demais e, enquanto um bairro submerge, no outro, nem garoa. Muitos anos correram. Hoje, minha avó, sem pensar na chuva, me manda pelo celular mensagens ornamentais pré fabricadas de bom dia e boa noite e eu as recebo em meu apartamento, numa rua por onde passa um rio soterrado. Penso que, a depender do volume de água a desabar, o asfalto explodirá e brotará assim do centro da terra o úmido berro da serpente. Já aconteceu, foi no quarteirão de cima.

Chover é um acontecimento. As árvores silenciosas dobram-se nas rajadas de vento. Vejo o vento. Mas é também verdade que se não olho, não vejo a chuva, nem o vento, nem as árvores, nem a vó. Não vejo o tempo com a pele das vistas. Só as horas apressadas. Lembro-me, escorada na chuva, das tardes infantis depois da escola, no interior, o tédio deleitoso de não fazer nada, o gosto das bolachas de nata polvilhadas com açúcar que cortava em formatos variados com os antigos moldes de outra avó... Um nadinha. Perder o nada é um empobrecimento,

sussurra Manoel⁵⁶. Viver nessa cidade-monstro, delírio de criança, é desaprender de vazios. A chuva fez-se um acontecimento de espalhar o tempo, desguardar segredos, desmontar os tudos. Olhar o invisível da chuva nos olhos é acontecer nela, por alguns instantes a se fazer durar.

⁵⁶ BARROS, 2013, *Livro sobre nada*, p. 318.

Morder um bucho de Gato

Por um punhado inédito de minutos, experimento o roçar da minha pele no pelo da barriga do Gato. Arisco, as entranhas são pontos de atenção, apesar de sedutoras. Sua barriga branca, pendente, me convida, mas se me inclino sorrateira em sua direção, a mordiscada felina é questão de segundos. Não agora. Nessa tarde, como de costume, está o Gato estirado em minha cama, colhendo o sol de outono que invade o quarto e acende seu pelo dourado. Animal guardado em casa procura frestas de céu para a cópula luminosa das peles. Esse Gato é o céu.

Acabo de sair do banho e me preparo para entrar na sessão de análise, mas reparo nessa joia quente e aberta que reluz sobre o lençol verde-esmeralda. Rendo-me ao deleite. Ouso: a mão sobre a pança mole. Está quente. Ele se põe atento, mas não revida o gesto. Eu vou me aconchegando, passeando com a mão firme pelo seu pelo. Sinto seu

corpo derretendo. Ele recebe. Quase adormece. Seu pelo é macio, um tapete que eriça a rala pelagem que me recobre a pele. Se a suavidade uma festa dos sentidos, se é no toque, no gosto, nos cheiros e sons que a acessamos,⁵⁷ é preciso então dispor-se a esse eriçar sem função para entrar com suavidade num encontro capaz de nos arrastar.

Nesse delicado encostamento, aproxima-se um tempo escorregadio: o Gato é agora o animal de pelúcia da infância a repousar sinistro na prateleira do quarto e eu, criança, com uma tesoura, rasgo-lhe o bucho para esconder meus segredos, numa aliança selvagem da palavra com a tripa. Meto em seu estofado pequenos papéis rabiscados de silêncios secretos a jamais serem encontrados. As vísceras animais guardam-me arcanos numa simbiose contra a bisbilhotice insuportável dos adultos, da família.

Atento-me: bolsa primordial é o nome técnico dado ao excesso de pele e

⁵⁷ DUFOURMANTELLE, 2022.

gordura da região da barriga dos gatos e que lhes serve para proteger as vísceras e para garantir impressionante mobilidade.

Meu ímpeto, quando acaricio gatos, usa ser o de mordê-los, abocanhar a matéria mole que pende viva, apertá-los, sacudi-los. No entanto, sob a luz desta tarde, abandono-me e inclino-me ao ritmo particular dessa vida que me arranca do adestramento até alcançar sua peculiar animalidade felina a vacilar entre ferocidade e deleite do tempo.

O Gato é esse tempo.

Sinto que o couro do meu braço e a pelagem que o recobre farfalham no ritmo que pede esse corpo de Gato, pequeno, compacto e vivo. Tudo descansa tão exposto. O encontro lento e macio da mão agora feita pata com a pança felina eriça os pelos indistintos e faz-se o pacto: não nos cravamos os dentes, mas as peles. Suave, o sol vem compor, seus raios ciliados se espalham pelas minhas costas e aquecem o osso sacro. Deixo.

Sujar o texto⁵⁸

É um endurecimento isso de exercitar inutilidades para fazê-las caber em papel timbrado. Antes, preciso arrancar o texto de sua função. Escrevo aqui porque a vida tem salivado palavras, não para assumir tamanhos acadêmicos.

Pergunta: como se faz uma prática de inutilidades? É preciso marcar horário? É possível marcar horário? A inutilidade, essa suavidade, é de um tempo para nada, para "o puro acontecimento de estar junto",⁵⁹ é uma insistência e uma confiança e sua prática é um exercício clínico-ético-estético-político. Lembro-me de Derrida, a dizer que o grau de possibilidade de um acontecimento é dado por sua impossibilidade. Mas aí já me

⁵⁸ Por entre as notas ao invisível, escritura de uma prática de inutilidades, estão ainda algumas notas às notas, textos que pensam a fazedura desta prática, pensamento que a acompanha no movimento vivo de compreender de que modo se conjura este procedimento, percorrendo seus percalços e não-saberes. Estes dois modos de escrita da inutilidade se imiscuam e são apresentados aqui com variação diagramática, de modo a dar a ver a diferença compossível dessas enunciações.

⁵⁹ DUFURMANTELLE, 2022, p. 88.

encolhi em necroverbozes acadêmicas, como bem diz Manoel, e me afastei da baba espessa que escorre do vivo. Aprendo com ele que é sujando as palavras de si que se faz um dizer.

A inutilidade é uma sujidade, é preciso encardir a vida de vivo para roçar no inútil informe que a coisa fermenta em seu íntimo. Isso é coisar - aí sim, ajuntei-me a palavra dourada de bocó. Entrar na potência ativa do inútil é correr esse texto sem prestar-me ao sentido, mas ao acontecer que pode o não-senso, esse saber de outra ordem. Um texto inútil e que, portanto, resiste à hora marcada e ao papel timbrado, aparecendo insuspeitado numa fresta do tempo. Sigo des-sabendo como se faz uma prática de inutilidades. Assim mesmo, preciso borrar-me de humana a pedra.

Fazer cócegas no couro do chão

Do escuro da madrugada, vem nascendo um som que me eriça a escuta. Um barulho quente e arrastado escorrega da rua aos meus ouvidos, enchendo-os de fome. Para além das duas da manhã, sigo em vigília sob efeito do gás algorítmico que me perturba sorrateiramente as ideias, confisca meu sono e adormece os punhos em riste - corpo imóvel que imita a morte. Ainda imersa neste estado entorpecido, algo em mim deixa que o som insuspeito que se aproxima me invada e abro a persiana comichosa do que se passa fora.

Neste hoje, moro de frente a uma pequena praça no centro de São Paulo, espaço estimado por crianças cambaleantes, adolescentes com suas bolas e bicicletas, cães e seus focinhos sedentos de cheirar o mundo - existências que não temem em se demorar na arte das inutilidades -, além de frequente pouso para pessoas

que vivem na rua, como o é boa parte das calçadas destes cantos da cidade.

Nessa noite morna, de minha janela, que de tão baixa parece flutuar invisível por entre árvores, passantes, motos, pombas, avisto um senhor solitário, absorto pela ação de varrer as cercanias da praça munido de uma única folha seca de vultosas proporções. A folha tem tons amarronzados, assemelhando-se a uma enorme palha que o homem arrasta, segurando-a por seu cabo com as mãos firmes à altura da cintura. Um homem se arrasta pela calçada produzindo um chiado estremecedor, suave, retumbante, que acorda a madrugada dos que não se entregam ao sonhar. Este homem-folha, espécie de Omulu do centro da cidade a acalantar as úlceras deste chão purulento, flutuando com seus ramos de ráfia fazendo-lhe corpo é uma aparição descabida ao caminho lógico da noite. Mas a noite, este tempo dormente, declina os caminhos lógicos.

Por algo perto de uma hora, este senhor de cabelos e barba grisalhos, mochila nas costas, boné no cocuruto e chinelo nos pés, com seu sólido porte, arrasta gracioso, com movimentos repetidos e delicados, a folhagem que lhe escorre dos braços, acarinhando o chão, fazendo-lhe cócegas, sacando-lhe uma música seca e erótica. Este homem-aparição, que troca palavras com pessoas embrulhadas por mantas carcomidas amigadas do chão e cumprimenta brevemente passantes de andar crepitante, varre com uma enorme folha o chão do centro da cidade no imenso da madrugada. É isso que este homem faz. Desde antes desta noite, por insistentes noites, até, no infinito, serenar a pele da praça. "Acho que essa tarefa lhe dava algum estado. Estado de pessoas que se enfeitam a trapos."⁶⁰

⁶⁰ BARROS, 2013, *Tratado geral das grandezas do ínfimo*, p. 410.

Esticar-se às horas inúteis

Tento escrever nas horas do dia. Fracasso. Meio dia e vinte e nove é território do fazer e não horário de encontrar inutilidades? A baba escorre suculenta na madrugada - horas selvagens. É preciso, primeiro, ser absolutamente inútil junto ao sol ao ponto de esticar-me até às 4 da manhã para colher a inútil seiva que poliniza a inutilidade. O átimo de se lançar ao risco que há em experimentar a inutilidade em sua intensidade desconhecida inaugura um tempo outro, estranho, uma abertura no instante que se localiza não num presente determinado, mas na fenda capaz de bagunçar a expectativa neurótica de um futuro que se organiza desde uma matriz de experiências passadas. Desertar as horas, entrar no tempo - uma prática.

[coisa besta essa de] Inventar-se um nome

Virou pra Aversa num ato sem pensa, era coisa de deixar de Ser. No antes, arrastava um nome que lhe deram e que não era seu. [Esse também não é, mas é como me chamo. É por esse sem sentido, um quase nome que não chega a nada, que me convoco]. E já convoca junto e de novo um deixar de ser. Lembrança de revirar: "Assim é que elas foram feitas (todas as coisas) - sem nome"⁶¹. É preciso ir até esse sem nome das coisas e, ainda assim, no império da nomeação, sustentar para si a besteira de um desnome. "A perda do nome próprio é a aventura que se repete através de todas as aventuras de [Aversa]."⁶²

[Não é no sempre que sou Aversa] - imagem pretexto para abandonar a

⁶¹ BARROS, 2013, *Concerto a céu aberto para solos de ave*, p. 266.

⁶² DELEUZE, *Lógica do sentido*, p. 3. No texto de Deleuze: "A perda do nome próprio é a aventura que se repete através de todas as aventuras de Alice", acerca da obra de Lewis Carroll.

fixidez -, e cede à Vanessa em questão de quandos.

Noutro dia, um quando qualquer, em uma fila, perguntaram seu nome, ao que respondeu [Aversa]. O retruque veio curioso: Tem certeza? [Bom, já não tinha, agora menos]. Acontece que lhe interessa essa frouxidão do nome, aposta de que a firmeza persevera na variação, não em incutir alcunhas absolutas. Mas se não há certeza, tampouco há dúvidas. A cada inquirição que lhe devolve ao Nome Próprio pode ser exercida ou não a prática de sustentar o inútil de inventar-se um nome. Esse é seu nome mesmo? [É como me chamo].

Escolher-se um nome é sustentar a continuidade de uma ética da inutilidade, em que "cada vez vale por todas as vezes, mas não é de uma vez por todas",⁶³ sublinhando a existência dessa desimportância - um estranho nome - que produz um abalo hesitante entre a curiosidade silenciosa e o

⁶³ Fala de João Perci Schiavon em seminário da ALCEP, no dia 24 de maio de 2024.

tremor zombeteiro. Fugir da dúvida de que assim se chama, afirmar Aversa, é o ato mesmo que instaura essa existência ínfima, menos garantida de legitimidades maiúsculas. E, no entanto, é vital fugir da dúvida sem, no entanto, fazer do nome inventado um novo feudo cercado de identidades, certezas e eternidades. Instaura-se um nome escorregadio, que não se finca profundo no chão, mas entorna, revira, desliza, vagabundeia. Aversa tem algo de nome, mas também um tanto de precioso ridículo. É preciso florestar, com firmeza e cuidado, seu nonsense, seu sentido despropositado, que recusa totalizações, deixando-se ventilar de vanessas quando bem quiser.

Exercício inútil que arranca o Tudo do nome e o qualifica para delírio. Rubrica com tanto rosto quanto uma dobra de luz às cinco da tarde.

Sequestro

Num átimo, já não se está. Instantes que se prolongam não em um tempo aberto, mas na rugosa régua das horas. O avesso de um lapso de tempo é acertar sempre os minutos? O que se passa em uma vida quando já não respiram mais as fendas dos dias?

Que estado de rarefação pede o exercício de inutilidade para que se faça existir em sua propensão à bruma? A micropercepção suave dos acontecimentos é tomada de assalto por eventos que se impõem aos dias e achatam o espírito, olho vivo que é o corpo todo.

Agora são onze e quarenta e três e é só isso. O relógio de excessivos ponteiros me rouba o tempo e me embaça os sentidos com sua cantilena desmaterializada.

Onze e quarenta e nove e já se foram seis minutos contados na máquina entre uma frase e sua sequência. O

sangue coagulado por cronos circula sem atentar-se às diferenças que produz a cada circuito. Elas, no entanto, seguem se fazendo num silêncio retumbante, mas nada se escuta.

Onze e cinquenta e três e ouço o rebombo da obra que é erguida ao lado de casa. Sons metálicos, surdos, chiados, sibilos, berros. Há uma extravagância sem polidez na construção civil. Nada mais necessário que um prédio. Seu erigir é, portanto, estridente, impiedoso e inquestionável.

Meio dia e oito e já não sei como continuar.

*A contabilidade regulando a criação
sequestra a inutilidade.*

Como, em uma terça-feira servil, é possível deixar escorregar pela retina demoradamente a banal coreografia das pombas que moram no antigo hospital recortado pela janela do quarto desde onde escrevo? Como oferecer aos ouvidos os ruídos da cidade, desenhando com os tímpanos

algo a mais que um tedioso retrato da celeuma urbana?

Perguntar não é encontrar resposta, mas esticar-se ao ritmo do problema. Aqui, ficar com o embaraço da percepção embotada: atentar-se ao que se passa numa vida que não se empresta às inutilidades é uma prática clínica. A escuta da rigidez, do ali onde o corpo é só função, é o que possibilita que, suavemente, se vá puxando os fios emaranhados até que o nó se abra e prolifere a existência de saídas.

Dez e cinco de muito tempo depois. O texto emprenhou meses, tantos que já não sei. Mas é hora de dar-lhe a luz. Enfiar entre as palavras os dias é encontrar no tempo buracos de minhoca, passear pela espiral, fazer chiste com o tique-taque obsessivo.

Nisso que o texto ganhou barriga, a inutilidade voltou a crescer para inútil.

Nesse meio tempo, tudo se passou. Já não habito as mesmas janelas, não observo as mesmas pombas a dançar

no parapeito do velho hospital, não testemunho o silêncio do quartinho do necrotério em frente. Pelas novas vidraças puídas, vejo palomas de praça e escuto o burburinho de vozes de boteco. O tempo novamente se desdobra. A inutilidade, como apelida Manoel essa inutilidade sutil, cresce no texto na medida em que se alarga a vida. Escrever é bem maior que palavra.

Umedecer-se de ínfimos adornos⁶⁴

Escrevo por fractais de vivo. Algo da erupção de um ínfimo em um infinito se passa ao ponto de me embrenhar em sua paradoxal conjugação: ínfimininfinito. Há que se abrir uma escuta succulenta para o que se anuncia sem estrondo, flutuar no instante sem tempo do acontecimento, e então enunciar a consistência do vivido num dizer encarnado em linguagem. Fazer do ínfimo um excesso e dizê-lo. Babar pequenas letras fulgurantes. Escrevo com esse lampejo de brilho difuso, luz sublime que não ofusca o vivido, mas lhe oferece o prisma de outra dimensão. Escrevo sob a escura cintilância de uma solitária vela até enfeitar-me de silêncios.

⁶⁴ BARROS, 2013, *O livro das ignorações*, p. 177.

Dançar, dançar, desaparecer, dançar

Era um domingo, hoje, quando nos encontramos. Saí de casa tardeira a ter com o cafuné do pão tostado em chapa suja e do fumegante café com leite, sabores que me solicitam os domingos e fazem insistir sobre minhas papilas a alegria que é teimar nesta cidade. Fazia calor e eu ia pelas ruas de chinelo. Mal ponho os pés para fora e, a uma altura que ainda avistaria de minha própria varanda, desde dentro do invisível, nos encontramos.

Emoldurada por uma muralha de janelas corporativas, entre as árvores e os restos de lixo que convivem à beira da praça, flutua uma lagarta. Seu corpo se pregueia alegre, salta e rodopia elétrico num dueto com o infinito ar. Viscosa, a lagarta debruça-se sobre o intangível atmosférico e vai fazendo com o mundo inteiro sua cópula. Em movimentos peristálticos, seu corpo todo uma sábia tripa, as coloridas entranhas expostas se monumentam a roçar no alto do nada: mandruvá dança

o vento. Uma delicada seda conecta seu corpo ao ponderável, um único fio com o mundo, mas é por seu movimento dançarino que ela toca no imediato real. É aglutinando delicadeza e voracidade que o bicho confia e dança com a imensidão.

Em meu caminho à rotina do domingo, a única com que não discuto, ponho-me a observar a lagarta, este fiapo de existência que se impõe colosso.

À distância, num *frame* capturado por minhas lentes oculares, a escassa larvinha agiganta-se diante do prédio que lhe faz paisagem. A lagarta do domingo é imensamente maior que o barulho que fará fremir amanhã, segunda-feira, as fundações deste por ora tácito edifício empresarial. Uma lagarta é maior que um prédio.

Só posso vê-la porque hoje é domingo? As lagartas dançantes, pergunto-me, dançam também em dias úteis?

Colho um talho de sua coreografia em um breve vídeo, seu corpo minúsculo é

arisco às objetivas e se furta às tentativas de captura do foco. As eficientes janelas espelhadas do prédio empresarial se prestam à nitidez; a lagarta é toda muco viscoso e, incapturável, escorrega informe pela imagem.

Agora já estamos no domingo seguinte. Caminho nem tão cedo em direção à deleitosa rotina de um dia inútil, quando nos encontramos novamente. E, no entanto, você já é outra. Rente ao bruto do chão do centro da cidade, pairando por entre papéis engruvinhados, restos de comida e bitucas de cigarro, você-outra flutua rasteira. Detenho-me diante da insistência do domingo em fazer-se vivo. Seu corpo desta vez se bamboleia acautelado, sóbrio, palpitando uma alegria serena. "A suavidade vem nos visitar. Não a manipulamos, nem a possuímos nunca. É preciso aceitar entrar nas suas marés, percorrer seus caminhos ocultos, perder-se para que aconteça algo inédito".⁶⁵ Chego mais

⁶⁵ DUFOURMANTELLE, 2022, p. 77.

parto. Chego mais perto, dizia, quando aqui me corrigem os dedos a pensar na infinita velocidade da pulsão: algo arruma-se para morrer, algo arqueja tímidos sopros de vida. Eis o parto. Aproximo-me desta crua vida até ouvir sua eclosão: é domingo e uma lagarta, levitando rasteira ao sopé do invisível, se nasce. Suspensa por um tênue filamento, vai a vida larval escorregar para dentro do casulo amniótico, suponho, até tomar outros contornos, outras forças. Nascer é incessante coreografia de desaparecer lagarta pra mariposa.

TEMPO (3)
**É muito complicado
dar ossos à água⁶⁶**

⁶⁶ BARROS, 2013, *Arranjos para assobio*. p. 164.

*Não que eu pretenda falar
disso, mas para isso eu
tendo.*

FERNAND DELIGNY

Rumores de *infracontecimentos*

O que está realmente acontecendo, isso que
 nós vivemos, o resto, todo o resto, onde está?
 O que se passa todos os dias e que retorna a
 cada dia, o banal, o cotidiano, o evidente, o
 comum, o ordinário, o *infraordinário*, o ruído
 de fundo, o habitual, como dar conta disso,
 como interrogá-lo (...)?

GEORGES PEREC⁶⁷

O cheiro escuro da chuva às três da tarde; a barriga mole de um gato reluzente de sol; o tempo em que algo se escreve – a *prática de inutilidades*, este exercício de devir pedra, é uma entrada no acontecimento puro. Sua contradição acha-se aí, aliás. Como praticar o acontecimento, se este é da ordem do inantecipável? E, no entanto, nos conta Deleuze, o acontecimento, é preciso querê-lo, é preciso dele ser digno. O acontecimento não é o que acontece, a coisa, o acidente, "ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera."⁶⁸ O acontecimento é um

⁶⁷ "Ce qui se passe vraiment, ce que nous vivons, le reste, tout le reste, où est-il ? Ce qui se passe chaque jour et qui revient chaque jour, le banal, le quotidien, l'évident, le commun, l'ordinaire, l'infra-ordinaire, le bruit de fond, l'habituel, comment en rendre compte, comment l'interroger (...)" Tradução nossa.

⁶⁸ DELEUZE, 2015, p. 152

sentido a se produzir; é preciso, portanto, efetuar-lo, praticá-lo, estar à sua altura.

Há, pois, a tarde, entardecendo como é do caráter das tardes, mas há ainda um modo outro de entrada nessa luz quente que se põe ali a nos esperar, um modo capaz de produzir desse calor luminoso um sentido que escapa ao cabível no instante presente e escorre por passado e futuro. Uma barriga de gato banhada de sol é acrescida de estranhos sentidos pela vida que se engancha a esse instante luminoso, estendendo-o ao infinito, até que se entre na escuta daquilo que de vaporoso se produz no encontro da pele das mãos com a pança felina.

Poderia alguém a esta altura perguntar-se: é capaz, a deleitosa pelúcia da barriga de um gato, de produzir a radical abertura de um acontecimento? Como poderia uma tal banalidade inscrever uma importante mudança de posição subjetiva capaz de desarticular o cotidiano de sua mesmice metrificada e rendida à captura e arrastá-lo até um plano intensivo? É de se pensar qual gesto é requerido para que este fato comum, inútil, infra-ordinário, diria Péricles, um gato a tomar sol (a chuva a cair mansa, o ruído de folhas secas sobre o chão), seja escutado em uma altura que

faça fletir a vida. Como aprender a cultivar relâmpagos em si,⁶⁹ fendas luminosas e eletrizantes que fazem tremer os céus, o céu da boca, a boca do estômago, que nos arrancam com serena precisão da vida plasmada em uma identidade em flecha em que até mesmo os possíveis descarrilamentos já estão todos mapeados e previamente remediados.

Que mundos podem eclodir dessas discretas existências despercebidas por vistas incapazes a alguma distração, obstruídas pelo excesso de funcionalidade? Como fazer com que esses modos de vida insistam, digam-se a tal ponto que produzam um acontecimento de mesma intensidade que a daquela particular a uma eloquente ordem convulsivante, traumática, que produz uma ferida que se aprofunda na pele e convoca vigorosamente, à revelia do sujeito, uma outra posição de existência, sob altos custos se não é operada? Como ativar a potência de um acontecimento suave?

Para tanto, parece vital tornar-se capaz de ver, ao modo de Manoel, o êxtase no cisco⁷⁰ - sublime síntese poética. Maneira vizinha de se pensar este fulgor das

⁶⁹ PRECIOSA, 2010.

⁷⁰ BARROS, 2013, *Concerto a céu aberto para solos de ave*, p. 262.

minoridades, encontramos no pluralismo existencial examinado por Lapoujade, em *Existências Mínimas*.⁷¹ Mediados por seu pensamento, compreendemos a breve chuva que cai à tarde, a barriga quente de um gato ao sol, o farfalhar de uma folha varrendo a calçada como modos de existência fenomênicos, a saber, apresentam uma arquitetura instantânea, um princípio formal fugidivo, têm alguma consistência. Ainda assim, cabe dizer, tal sorte de fenômenos circula discreta ao regime de atenção utilitarista. Apesar de perceptíveis, de pouco servem a esta lógica. Ainda mais brumosos, pairam por entre as existências fenomênicas, de maior consistência, seres à beira da inexistência, inquietas nuvens de virtuais. Entes vaporosos, ainda por se fazer, estes modos de existência são perfeitos em sua inacabadura. Há neles uma exigência de realização, pedem um gesto para que deem um salto de existência, demandam um ato criador e são de caráter ético. Flutuam nebulosos em sua virtualidade, mas são capazes de proliferar mundos infinitos e cambiantes a partir de uma realidade ínfima. É nesta altura que fermenta a experiência da *prática de inutilidades*, sua colheita, sua criação.

⁷¹ LAPOUJADE, 2017.

Da escuta de um fenômeno considerado banal - a chuva, a barriga de um gato, um homem que varre a calçada -, na medida de um gesto, eclode um virtual, a existência prolifera esporos de novos sentidos e efetua-se um *infracontecimento*: sentir o cheiro da chuva correndo sobre o corpo e entrar em outro regime de tempo; deslizar pelo ventre de um gato e escorregar até as invenções de uma infância; deleitar-se no sem tempo das cuidadosas carícias noturnas que faz um homem sobre o corpo da terra.

Penso em uma criança que dispôs diversos objetos, grandes e pequenos, cuidadosamente, longamente, de uma maneira que ela achou bonita e ornamental, sobre a mesa de sua mãe, para 'agradá-la'. A mãe chega. Tranquila, distraída, pega um desses objetos do qual ela vai precisar, recoloca um outro no seu lugar de sempre, e desfaz tudo. E quando as explicações desesperadas que acompanham os soluços contidos da criança lhe revelam a extensão do seu pouco caso, ela exclama desolada: ah, meu amor, eu não vi que era alguma coisa!⁷²

É preciso afirmar reiteradamente a deserção desta posição da mãe que não vê nada de especial em um conjunto de objetos mais ou menos habituais dispostos sobre a mesa de trabalho por uma criança. É preciso entrar na perspectiva da criança e sua espontânea *prática de inutilidades*, desanestesiando

⁷² SOURIAU, 1939, p. 15, *apud* LAPOUJADE, 2017, p. 43.

nossa vulnerabilidade às forças⁷³ do invisível que moram no habitual, encontrando os deslocamentos de existência que pedem passagem em um punhado de gravetos sobre a mesa, em uma lagarta suspensa por um fio invisível dançando entre as árvores de uma cidade agressivamente vertical, em um sumo vivamente amarelo que escorre de uma fruta suculenta recém mordida. Há que se inventar ouvidos que escutem com uma maior frequência esses silêncios banais a penetrar o cotidiano, que produzem relações de sentido disparatadas daquelas da ordem funcionalista e que, portanto, abrem mínimos espaços num psiquismo encerrado em suas rígidas verdades. Aventam-se pequenas frestas de sensível. O plano linear de existência neurótica craquela ao entregar-se ao gesto sem sentido de inventar-se um novo nome, ou de mergulhar na sinfonia de um assobio noturno que vem da rua, não porque tudo está visivelmente diferente, mas porque algo de imperceptível já se moveu. Como produzir uma escuta que faça durar essa movência errante?

⁷³ ROLNIK, 2018.

Murmúrios de ífiminfinitos

Estou diante de um texto insólito, uma escritura conceitual inscrita em quarenta e seis restos de papel rasgados, pequenos cantos de folhas, sobras de um envelope de uma velha carta. Escreve-se onde cabe um pensamento intempestivo. Trata-se de um texto em notas escrito por Marcel Duchamp pelos idos dos anos 1930 e encontrado por Paul Matisse, em 1968, após a morte do artista. Arranjadas em um pequeno pacote com mais de duas centenas de pedaços de papéis manuscritos, as notas não traziam consigo qualquer elucidação ajuizando do que se tratava. Explicações não explicam nada, era Duchamp quem costumava dizer.

E, no entanto, sem interpretações apriorísticas, as notas pensam e dizem. E pensam e dizem do *infracino*.⁷⁴ Este neologismo, proposto ali aos murmúrios por Duchamp, enuncia algo que, rabisca o artista, não pode

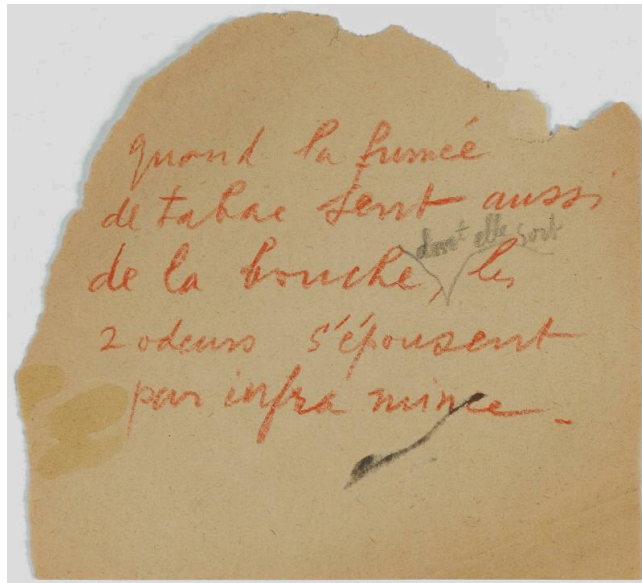
⁷⁴ Infracino é tradução livre para o português do neologismo francês *infracince*, cunhado por Duchamp. Mantendo o modo de uso que faz o artista, há, ao longo do texto, variações na grafia que compreendem a palavra aglutinada, separada, ou unida por hífen.

ser definido por si mesmo, senão tomado em exemplos:

Nota 4: A quentura de um assento (que acaba / de ser deixado) é infrafino;

Nota 9 (verso): Calças de veludo - / seu assobio (ao caminhar) pelo / roçar das 2 pernas é uma / separação infra fina sinalizada / pelo som (não é? um som infrafino);

Nota 11 (verso): quando a fumaça do tabaco cheira também / à boca que a exala, os 2 odores / se casam por infra fino (infra fino / olfativo).⁷⁵



Um pensamento talhado em notas ao longo de uma vida e encontrado, pelo evento de sua morte, por mãos

⁷⁵ DUCHAMP, 2017, p. 6, 12, 15. Tradução nossa.

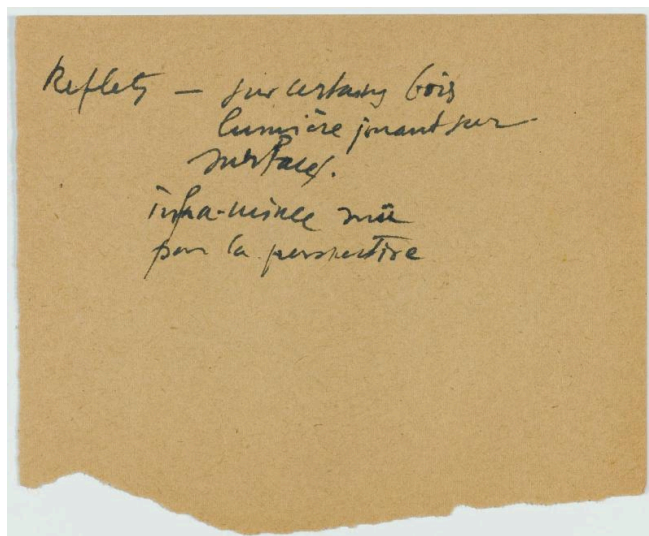
amigas - é infrafino. A vibração das torções de uma lagarta flutuante na carne de quem a observa é infrafino. Uma suavidade que emerge de um acontecimento puro, devir-imperceptível que convoca uma entrada direta no campo da sensação, e não dos sentidos acostumados. Infrafino é, não o assento, nem o calor em si, mas a graduação singular de quentura que paira por sobre um assento que acaba de ser deixado; não a boca ou o cigarro, mas a sorte de odor que emana do encontro entre a boca e a fumaça do tabaco em combustão. "Não mais o pássaro cantor, mas a molécula sonora".⁷⁶ Não o autor mas o gesto contínuo que empreende a criação, não mais o sintoma e seu padecimento, mas o 'h' silencioso que lhe devolve Lacan e que escapa à pronúncia, que se imiscua na repetição mortífera e faz um Sinthoma, uma singularidade, um saber fazer, uma linha de força. Infrafino é essa vida evanescente e intensiva que irrompe silenciosa de um evento banal, uma diferença brutalmente infinitesimal que se desprende de uma relação, aquilo de imponderável que um acontecimento produz, seu murmúrio molecular e sensível que excede o plano dos sentidos.

⁷⁶ DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 33.

Nota 41: 70 + 40 = 110 / em voz alta ou em voz baixa (sobretudo enunciada mentalmente) / 70 + 40 é mais que 110 - (por infra - fino).⁷⁷

Este tênue transbordamento que faz com que as somas resultem em ainda mais soma é um modo de dar a ver o invisível e fiar com ele. O infrafino convoca, em si, um ponto de vista ativo e criador.

Nota 42: Reflexões - em alguns bosques / luzes brincando em / superfícies. / infra-fino guiado / por perspectiva.⁷⁸



⁷⁷ DUCHAMP, 2017, p. 49. Tradução nossa.

⁷⁸ *Ibid.*, p. 50.

A *prática de inutilidades* é o exercício de escuta do infrafino, um gesto que cria com o instante trivial molecularizado, saboreado em suas sinuosidades, percebido em sua sutileza que inaugura sentidos inantecipáveis. Instaurar uma inutilidade é deixar-se instaurar por ela, é dispor-se ao exercício de uma percepção miúda, lenta e viscosa a um tal ponto que o suave plano de forças de um evento banal é experimentado intensivamente e extrapolado em suas significações imediatas e pré-fabricadas.

Desta bruma invisível a olhos acostumados a que Duchamp chama de infrafino, ao se animar a percepção a ponto de percebê-la, acessamos a dimensão do *ínfiminfinito* - ideia-aglutinação que produz em contaminação com Manoel, Duchamp e ainda Artaud. Se o infrafino é aquilo de vaporoso que emana de uma relação, o *ínfiminfinito* é a dimensão intensiva da vida que se abre e se prolifera ao se escutar esta emanção, ao se entrar neste outro regime de percepção. Infrafino é a quentura da luz, o odor, a diferença que se produz num infra-instante corriqueiro ao qual se engancha a sensibilidade para se entrar na inutilidade; o *ínfiminfinito* é o plano de intensidades que se acessa ao fazer esta aliança com o inútil. Este *ínfiminfinito* é a dimensão das insignificâncias, dos infra-ordinários,

como nomeia Péric, mas acrescidos de valor pela experiência, pela escuta, ganhando potencialidades infinitas: devir infinito do ínfimo. Lesma cósmica. Há um exercício clínico já em operação ao ousar demorar-se na escuta do movimento das pedras, em dispor-se a essa relação que evoca um tempo imensurável.

Não se trata de tornar visível o invisível, mas sim, de fazer a matéria densa, as significações estacionadas, as percepções enrijecidas entrarem elas em um grau de indetectabilidade a tal ponto que a suavidade do *ínfiminifinito* passe a ser considerada, contemplada não pelo regime de visibilidade, de produtividade, mas pelo campo da sutileza e da variação.

Artaud, em *Para dar um fim no juízo de deus*,⁷⁹ enuncia dois caminhos: o do infinito de fora; o do ínfimo de dentro. Um aponta a abertura desmedida, as possibilidades inesgotáveis, o infinito de fora; o outro sucumbe ao achatamento, o embotamento do corpo e do movimento, o ínfimo de dentro. A compressão deste par aparentemente oposto em *ínfiminifinito*, esta palavra-valise, produz um a mais, opera-se uma

⁷⁹ ARTAUD, 2022.

disjunção inclusiva que afirma os termos disjuntos,⁸⁰ incluindo as diferenças em suas diferenças, alargando os sentidos em que o infinito é capaz de desprender-se das mais ínfimas individualizações, como a soma de 70 e 40 que, por infrafino, resulta em um a mais de 110. Trata-se, aí, de um ínfimo outro que não o da ordem e do julgamento a escassear as múltiplas possibilidades de existência, não o do corpo organizado em finalidades metrificadas.

No chão, entre raízes de inseto, esma e cisca o sabiá. (...)
 No remexer do cisco adquire experiência de restolho.
 Tem uma dimensão além de pássaro, ele!
 Talvez um desvio de poeta na voz.
 Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de ser uma pequena coisa infinita do chão.
 Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol.
 A essa vida em larvas que lateja debaixo das árvores o sabiá se entrega. (...)
 Sua pequena voz se umedece de ínfimos adornos.
 Seu canto é o próprio sol tocado na flauta!⁸¹

A experiência de um *ínfiminfinito* é a do contato entre o infrafino, que paira imperceptível, larval, ínfimo a uma certa sensibilidade, e o campo imensurável de possibilidades, infinito por não ter final nem finalidade pressupostos. Encostamento do canto do sabiá nas

⁸⁰ DELEUZE; GUATTARI, 2010.

⁸¹ BARROS, 2013, *Arranjos para assobio*, p. 162.

larvas, coisas do chão que desviam o pássaro a poeta, ao passo que o poeta ganha na voz texturas de ave. Aquém e além da matéria, o *ínfiminfinito*, este sol tocado na flauta, se acessa ali no entre onde as coisas se promiscuam, se imantam, se erotizam, no espaço sem fundo necessário para que se dê uma relação, uma diferença. O *ínfiminfinito* é um a mais de vida que se acessa quando se entra na dimensão larval da escuta.

Gestos de babar uma escrita

No osso da fala dos loucos há lírios.

MANOEL DE BARROS

O exercício de entrada no *ínfiminfinito* envolve um risco: ao mesmo tempo traço - inscrição - e abismo. O risco é uma decisão: como tornar texto uma experiência infinitesimal sem ofuscar de signos sua dimensão desconhecida? Sem ofuscar de saberes pré fabricados seu aspecto germinal, umbilical? Como se elabora, suavemente e com algum grau de linguagem, uma intensidade?

O infrafino, diz Duchamp, não pode ser conceituado, escapa às explicações. Ele pode ser enunciado em exemplos que aludem à experiência, mas não suporta ser destrinchado em palavras desencarnadas. De modo semelhante, o *ínfiminfinito*, este plano que dirige e se derrama da *prática de inutilidades*, somente pode ser expresso por palavras que não lhe tentem exaurir de significados, de usos e, certamente, de finalidades. Por isso, dizer dessa prática só pode ser feito embrenhado

nela. Como rebentar uma escrita da sutileza vivida, fazendo-a dilatar ainda mais, e não sufocando-a em uma ordem significativa, em representações? Como dar ossos à água?

Embriagando-se de água, diria um. Fazendo dos ossos ainda mais água até que se produza um caldo fortificado, denso, succulento.

A *prática de inutilidades* estende-se, então, por sua elaboração; do contato íntimo com o ínfimo escorre uma sopa nutritiva que alimenta a vida – dobra analítica. Estamos, então, no campo do dizer, que, aqui, faz-se com palavras escritas – notas a um invisível-, mas um texto pode se instaurar com linhas abstratas, cantos, úmidas pinceladas, dobras do corpo, notações musicais, *frames*, oralidade – desde que vivos, desde que gestos fumegantes. A experiência de escuta de um infrafino que dá entrada aos encantamentos do *ínfiminfinito* se alarga na medida em que se produz um pensamento *com* ela, desde sua carne. Escrever com uma língua que sorve com voracidade e delicadeza uma sopa de ossos a tal ponto em que se embaralham ossos, caldo e língua em uma espécie estranha à vida recalçada em formas familiares.

Mas este vivo do dizer não é dado, é preciso fazê-lo. "Não basta colher a folha para fazer o remédio; é preciso saber cantá-la e encantá-la."⁸² Não basta observar a lagarta, é preciso delirar este encontro cotidiano, bem dizê-lo, dar água aos ossos. É preciso dizer com o vivo – num só golpe, é necessário e certo. A distância entre o invisível (o vivido) e as notas (sua elaboração) desprendem também um infrafino, um caráter, um vapor, um grau de calor singular a depender das condições em que é feita essa elaboração, a depender da qualidade de escuta do vivido. É radicalmente diferente um dizer, ato comprometido com o encantamento e a invenção, de um dito, formalização agarrada aos sentidos acostumados, exaustos, inertes.

O vivido quer continuar vivo babando pelas palavras, produzindo um limo verdejante, um suco saboroso, uma sopa grossa. Há uma ética que se opera nessa estranha transcrição da experiência em texto, do acontecimento em dizer. Faz-se, com as categorias da vida, uma operação avaliadora do vivido, agora no plano da memória – mas uma memória que desconhece as lembranças. Não interessam os fatos, mas os afetos. É

⁸² RUFINO; SIMAS, 2020, p. 15.

com este gesto que se escreve uma vida à altura da vida.

Esse modo de escrever-se é todo ele uma operação clínica, na medida em que põe em atuação uma escuta atenta ao que escapa à percepção dominante, às sobredeterminações do Eu - esse regime de utilidade. Com essa escuta que faz crescer as latitudes do possível, fabula-se uma memória, uma vida e um porvir que desviam a cada vez do juízo de deus, do império da moralidade, das finalidades e propósitos apriorísticos. Desvios sem idealizações imaginárias e grandiloquentes, mas operados no *ínfiminfinito* do Real, do inantecipável. A direção desse dizer da experiência é, quando exercido em seu mais alto grau, uma direção pulsional,⁸³ que libera em escala infinitesimal, molecular, o desejo da trama das neuroses e redireciona o plano simbólico e imaginário, levando a linguagem ao delírio da poesia e o imaginário à imaginação fabuladora. "Escrevo para chegar mais perto da minha fonte, das minhas antecedenças", diria Manoel,⁸⁴ mestre-bocó do *ínfiminfinito*, este eterno retorno do estado nascente.⁸⁵

⁸³ SCHIAVON, 2019.

⁸⁴ BARROS, 2010, p. 113.

⁸⁵ GUATTARI, 2012.

Sussurrar de ouvidos

Essa escrita que se faz à altura de um *ínfiminfinito*, como lê-la? Como deixar brotar ouvidos evanescentes que não asfixiem um dizer que baba? Como escutar, afinal, na clínica, o inconsciente que escorre sussurrado e, uma vez escutado o sussurro, como fazê-lo crescer para zonas ainda mais sussurradas, sem, no entanto, soterrá-lo no desconhecimento?

Voltemos às notas ao invisível. Em *Tomar a chuva com os olhos*:

As árvores silenciosas dobram-se nas rajadas de vento. Vejo o vento. Mas é também verdade que se não olho, não vejo a chuva, nem o vento, nem as árvores, nem a vó. Não vejo o tempo com a pele das vistas. Só as horas apressadas.

O que fazer com estas palavras que jorram de um instante alçado ao infinito? A que serve isso? Essas notas, assim nomeadas pelo interesse de que constituam uma espécie de texto-fora-do-texto, texto

em fuga que escapa às pretensões de totalização, essas notas, assim como aquilo de que se fala em uma análise desde o inconsciente, os alumbramentos delirantes de um sonho, as palavras trôpegas, essas notas podem ter usos os mais distintos.

Tomemos o Gato, com sua bolsa primordial.

Nesse delicado encostamento, aproxima-se um tempo escorregadio: o Gato é agora o animal de pelúcia da infância a repousar sinistro na prateleira do quarto e eu, criança, com uma tesoura, rasgo-lhe o bucho para esconder meus segredos, numa aliança selvagem da palavra com a tripa. Meto em seu estofado pequenos papéis rabiscados de silêncios secretos a jamais serem encontrados. As vísceras animais guardam-me arcanos numa simbiose contra a bisbilhotice insuportável dos adultos, da família.

Poderíamos, diante deste sussurro, tomar uma via que se pergunta: esse toque na barriga de um gato, a que se remete? Aliás, este Gato sem nome e grafado com letra maiúscula, o que quer dizer? O que significa esta imprecisão diante da nomeação? Entabula-se a

interpretação. Fatalmente, reconheceríamos no Gato o animal doméstico amansado, nos ursos de pelúcia não há outro senão o pai e, assim, perseguiríamos o tal sujo segredinho familiar capaz de revelar algo de um passado estanque que insiste em determinar uma subjetividade. “Sempre há uma maneira de se reterritorializar em uma viagem, é sempre seu pai e sua mãe (ou pior) o que se encontra em viagem.”⁸⁶

Há, todavia, uma escuta que se embrenha não no segredo recoberto pelas palavras, mas na qualidade intersticial do que se diz, de sua capacidade de produzir fendas de sentido que, como rabos de cometa, podem arrastar uma vida amuralhada para bem longe de seus cercamentos.

Meu ímpeto, quando acaricio gatos, usa ser o de mordê-los, abocanhar a matéria mole que pende viva, apertá-los, sacudi-los. No entanto, sob a luz desta tarde, abandono-me e inclino-me ao ritmo particular dessa vida que me arranca do adestramento até alcançar sua peculiar animalidade felina a vacilar entre ferocidade e deleite do tempo.

⁸⁶ DELEUZE; PARNET, 1998, p. 51.

O Gato é este corpo celeste capaz de pôr em marcha uma viagem cósmica em uma tarde banal. A pelagem, as vísceras, o calor que emana da barriga, a luz solar que lambe os corpos são, nesse instante, os intercessores que arrancam a vida de seu automatismo e que fazem jorrar conexões que atravessam a fantasmática linearidade temporal.

Escutar um dizer em seus sussurros, ir entrando e entrando e entrando trando ando ndo ndo no texto, cada vez menor, cada vez maior, sem circundá-lo de resoluções semânticas é dar condições para que o dizer vá esmaecendo uma vez mais em seus sentidos estacionados, em seus ditos, e retornando a um estado de pré-texto, fértil ovo indiferenciado. Ao mesmo tempo em que se acessa o caroço germinal do dizer, também se abre a palavra como uma teia de aranha ganhando o espaço, se espriando de possibilidades e, assim aproximamo-nos sempre mais do fora-do-texto, do que a ele escapa, dos espaços entre palavras, respiros, mínimos gestos, aquilo de sussurrante que enfumaça as palavras e que foge insistentemente de uma interpretação terminal.

Ao se escutar a respeito da experiência do toque em uma barriga mole de gato que faz eclodir vestígios de

uma pelúcia da infância e seus segredos, o que se produz ao estacionar os ouvidos em uma cena familiar e doméstica que ali pode ser sugerida? O que se engendra ética, clínica, estética e politicamente com esta qualidade de escuta é a re-submissão a um cansado sistema de significações. Não se desconsidera que este sistema possa estar ali operando, mas é preciso considerar as vias que põem em marcha o esfacelamento deste decalque que parasita o inconsciente, e não sua reiteração passiva e melancólica. Por isso, importa menos interpretar o segredo no bucho do Gato como o chifre do iceberg edipiano, e mais enxergar a máquina mutante e monstruosa que ali vai se formando: sol-mão-pança.do.Gato-estofado.de.bichos.de.pelúcia-segredos.que.fazem.uma.infância.escapar.dos.tentáculos.adultos. E, na medida em que se insiste na duração desse delírio de inutilidades desencadeado pela atenção exaltada a um instante fugidio em uma tarde qualquer, vai-se indo cada vez mais em direção a uma máquina infinitesimal, imensa teia.

Por esta via, o segredo que aparece no aparato subjetivo que se montou ali nesta experiência - os papéis enfiados na vísceras de pelúcia - não remonta à

submissão a um familismo. Ao avesso disso, inventa modos de produzir desvios desta lógica totalizante. Faz-se aliança com os inanimados. Inventa-se um segredo qualquer, pouco importa seu conteúdo, para que se demarque uma diferença e se embrenhe nas tripas de outras vidas. “Não, o cachorro que vi, com o qual corri sob efeito da droga, não é a puta de minha mãe... É um processo de devir-animal que não quer dizer nada a não ser o que ele se torna, e me faz me tornar com ele.”⁸⁷

Soma-se a essa perspectiva Guattari, ao elaborar a respeito do que chama de função analítico-poética, sustentando que trata-se, nesta operação, não de “investir imagens como suporte de identificação”⁸⁸, ou produzir respostas apaziguadoras, mas “catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência.”⁸⁹ A pança do Gato, a lagarta flutuante, o cheiro da chuva, essa disponibilidade a uma qualidade específica de distração a que chamo de *prática de inutilidades* opera essa função catalítica analítico-poética na medida em que cria espaços onde a existência pode delirar

⁸⁷ *Ibid.*, p 61.

⁸⁸ GUATTARI, 2012, p. 31.

⁸⁹ *Ibid.*

infinitesimalmente, escapando das prescrições neurotizantes, representativas. No entanto, para que essa deriva se sustente é preciso que a escuta disso que se enuncia aos sussurros não seja feita na mira de uma interpretação que elenca sintomas decorrentes de um conteúdo latente, indo na direção de um dito, de um enunciado pretensamente resolutivo. Ao contrário, é preciso encontrar uma via singular fragmentária, a-significante, que seja capaz de operar uma imperceptível bifurcação na existência que faz tremer o instituído ali onde ele não suspeitava.

Susan Sontag contribui para essa proposição em seu célebre texto *Contra a interpretação* ao afirmar que “em vez de uma hermenêutica, precisamos de uma erótica da arte.”⁹⁰ É neste ponto que reencontro Manoel:

Em passar sua vagínula sobre as pobres coisas do chão,
a lesma deixa risquinhos líquidos...
A lesma influi muito em meu desejo de gosmar sobre as
palavras
Neste coito com letras!
Na áspera secura de uma pedra a lesma esfrega-se
Na avidez de deserto que é a vida de uma pedra a lesma
escorre...
Ela fode a pedra.
Ela precisa desse deserto para viver.⁹¹

⁹⁰ SONTAG, 2020, p. 29.

⁹¹ BARROS, *O guardador de águas*, p. 238.

Manoel opera essa erótica desde dentro da palavra. É com o erotismo de uma lesma gosmenta a se esfregar na árida pedra que se escreve, é no encontro da matéria bruta com a languidez da língua que alguma coisa brota. Decorre um pensamento incorporado e vivo quando é com o suco da lesma libidinosa em contato com a austeridade da brita que se põe a fazer poesia. Este feitio de ter com a coisa que experimenta Manoel é uma clínica. É com o erótico que se instaura uma escuta.

É por esta ocasião que não me interessa aqui traduzir conceitos psicanalíticos ao aproximá-los da literatura, ou mesmo da experiência da *prática de inutilidades*, mas conjugar essas vias, testemunhar o coito e nele me embrenhar. Pode-se, por exemplo, compreender algo de inédito a respeito da noção de transferência quando se observa a lasciva relação do caramujo com a parede.

Paredes e caramujos se entendem por devaneios
Difícil imaginar uma devoração mútua
Antes diria que usam de uma transubstanciação:
paredes emprestam seu musgo aos caramujos-flores
e os caramujos-flores às paredes sua gosma
Assim desabrocham como bestegos.⁹²

⁹² BARROS, *Arranjos para assobio*, p. 177.

De que maneira se dá essa transferência, essa transubstanciação de modos de existência diversos, em que a dureza da parede se permite lambuzar da gosma caramujesca, ao passo que o animal pode, ao encontrar superfície por onde babar, ganhar contorno e deixar rastros de sua existência? Como alcançar a singularidade do gesto que permite que se constitua um vínculo que vai na direção de um desabrochamento mútuo? E, ainda além, não qualquer desabrochamento, mas um de caráter precisamente “bestego”, besta, bocó, que não se pauta pelo saber referendado em uma certa tradição intelectual, mas por um saber que emana da experiência do encontro. Esbarramos em pistas deste emaranhamento em Radmila Zygouris⁹³ ao afirmar que um pensamento clínico não se faz somente com o pensamento do analista a dirigir o percurso nem tão só com o do analisando a fluir seu inconsciente. O campo do pensamento clínico é uma escultura a várias mãos, uma obra em conjunto e sempre em movimento. Movimento lentíssimo, aliás, mas em constante estado de fuga, ao ponto que, quando se vê, isso que parecia não se mover, pela insistência do vínculo, por *inframine*, já é um outro.

⁹³ ZYGOURIS, 2011.

Devir analista do analisando, enquanto analista se desloca em direção ao imperceptível.

Não é, portanto, à força de uma interpretação emitida pelo analista que cai – seja como graça ou como infelicidade, ambas modalidades de identificação – no colo do analisando estirado no divã que algo ganha vigor, atualização e ato. É, antes, pela produção de um pensamento implicado e vagante, que solta esporos no ar a serem fecundados de modos inantecipáveis.

Que a palavra parede não seja símbolo
de obstáculos à liberdade
nem de desejos reprimidos
nem de proibições na infância
etc. (essas coisas que acham os
reveladores de arcanos mentais)
Não.

Parede que me seduz é de tijolo, adobe
preposto ao abdômen de uma casa.
Eu tenho um gosto rasteiro de
ir por reentrâncias
baixar em rachaduras de paredes
por frinchas, por gretas – com lascívia de hera.
Sobre o tijolo ser um lábio cego.
Tal um verme que iluminasse.⁹⁴

Toca saber que a lagarta que vejo na rua e sobre a qual me demoro é referente aos mandruvás iridescentes que me cruzavam o caminho na infância, mas não para deslindar nessa cena infantil sentidos que viessem a

⁹⁴ BARROS, *O guardador de águas*, p. 239.

sobredeterminar a vida, mas para reintegrá-la a um contínuo variante da vida e experimentar seus efeitos inantecipáveis.

FORA DO TEMPO

**Abocanhar a fruta:
última nota
(ainda um começo)**

A laranja é um instante. Não esquecer a laranja é uma coisa. Recordar a laranja é outra. Encontrá-la é outra. São necessários pelo menos três tempos para começar a compreender a imensidão infinita de cada instante. Há três dias vivo ao redor de uma laranja.

HELÈNE CIXOUS

Arrepiadas, trançam-se as pernas, os dedos, as pontas dos dedos se agitam. Remoo os pés, reviro-os para dentro, os joelhos se olham, entorto-me toda diante. Quero provar-lhe, arrancar-lhe a pele, meter-lhe uma primeira mordida sem arrancar pedaço, só para que possa repuxar-lhe com delicadeza o couro fino e despir-lhe. Quero encontrar a nudez de seu corpo curvo, suas redondezas. Tento alcançar em pensamento o gosto que a mordida primordial deixaria entre meus dentes, um sumo azedo, aveludado, de fundo doce. Nada o alcança. A carne toda exposta, nua, e o corpo reluzente exalam um cheiro luminoso. Fico a pensar o que faria, então. Sua forma impecável, redonda e cintilante a gotejar um suco raro me oblitera. Por onde ir, pergunto-me melindrosa? Seu corpo de succulento ovo não dá entrada, é todo portal. Não há outra coisa senão começos, mas demandam uma esplendorosa violência - para provar do vivo é preciso rasgar-lhe o imaculado contorno, expor sua vida à vida, inaugurá-la em minha saliva. Lembro-me da mordida, é preciso continuá-la. Imagino: a carne sedutora, exposta, úmida, maculada pelos dentes que lhe cravei. Apronta-se o

emaranhamento, as fronteiras começam a se devassar. Toco-lhe o corpo e noto que sua matéria flutua sem dar acesso às mãos. Não há suavidade suficiente nos dedos, demasiado duros ou excessivamente trêmulos. Esta conversa se fará com boca, línguas, tecidos moles, tão somente, nada de dedos, as mãos não lhe alcançam. Mas o que há ainda antes da mordida, antes do cravar de dentes, para que o abocanhamento se efetue mais além da fome?

Nos conhecemos de há muito. Houve um tempo - de latência incessante - em que estendiam-se infinitos galhos. Esse tempo ainda se desfolha infinitamente por toda brecha. Havia ali, nesse tempo, um pé de sirigoela (deste pé jamais descí). Pois bem, este meu pé, em sua singeleza, tinha um tronco não muito largo que, ainda na proximidade com o chão, retilhava-se em galhos firmes, sedosos e acinzentados. Sua macia textura vegetal e sua postura quase rasteira para uma árvore me davam altura. Ali podia trepar e demorar-me nas tardes vacantes. Perambulava por entre os galhos, em um dormia, no outro cozinava, no outro ainda passava um tempo de descanso. O tempo corria

com calma e graça, mal fechava os olhos de sono para em seguida despertar revigorada. Colhia as folhas de um verde alegre, fazia um ensopado de mato e eis o banquete. Viajava a países, enamorava-me, fazia amigos para uma vida toda cerrada em seus braços selvagens.

Foram assim nossos primeiros encontros, no quintal de uma avó, por entre primos mais velhos que, aliás, davam preferência a uma outra árvore que sequer sei o nome, mas sei que essa outra tinha troncos altos, austeros e paralelos ao solo, troncos que me enjeitavam. E sei que dava flores. Já você não dava nada - passei anos ali no alto de seus galhos frondosos sem botar reparo na reiterada ausência do fruto prometido, a sirigoela - e no entanto tudo me oferecia. Conheci seus primórdios antes da voz, sua imensidão antes de transfigurar-se em pequenina fruta. Eu não passava de uma criança e copulava com sua ramagem aberta, suas cores vibrantes, seu odor herbáceo e sua generosidade em me dar pé. Conheço-lhe pelos intestinos retorcidos, árvore torta do cerrado, mas nunca toquei-lhe os cítricos lábios. Passava horas imensas a lustrar-lhe a

pele aveludada enquanto você me
curtia o couro, retorcia-me os punhos,
puxava-me os tenros cabelos.
Rasgava-me, inaugurava-me.
Esplendorosa violência de ter com o
mundo, pois. Essas horas esquecidas
nunca me abandonaram.

É a esse chão que retorno, a esse
tronco que não cessa de variar-se em
galhos e ainda mais galhos. Ao
manancial de um tempo empenhado
em estar por sobre os ossos de uma
amiga árvore e debaixo de sua sombra,
roçando pele contra pele, deixando-me
machucar para misturar seu sangue,
minha seiva. A curiosidade infantil se
erija, o erotismo está na sola dos pés
que toca o primeiro entroncamento
onde se pode apoiar para instaurar a
fenda da fantasia na existência
cotidiana. Uma vez trepada na árvore, o
mundo se descortina. Já não estamos
no quintal da avó nem somos crianças,
ao passo que os olhos vivos e o pendor
à transmutação que fazem de um
tempo uma infância tomam todo o
corpo do mundo.

Certa vez, muitas infâncias mais tarde,
depois de tanto experimentarmos a
distância, avistei-lhe e mal pude lhe
reconhecer. A cidade era São Paulo,

muito longe dos quintais, e você havia sido decepada. No tépido frio de um supermercado qualquer, você, este grão de sol quente, sofria de desbotamentos por um LED branquíssimo a arrancar-lhe a vida, espremida em uma bandejinha de isopor recoberta por um fino plástico transparente e cravejada por um código de barras que atestava: “seriguela” – com a devida grafia em português metropolitano. Mas não podia ser. Ainda que eu não tenha comungado do sumo doce e lhe conheça mais pelos avessos, pelos inícios, por seus imensos embriões, não há de ser uma sirigoela este ser acabrunhado, entristecido e suado. Eu, certamente, também andava por aí aos caroços, também não haveria de ser-me. Nos vimos, mas não fizemos comunhão.

Desde ali, sua imagem não me escapa, ainda que dela também não me lembre com esta memória que pra alguma coisa presta. Uma seriguela socada na geladeira do mercado não é uma sirigoela. Uma vida plastificada pela realidade não vibra uma infância. Esse encontro adormeceu e me pôs a sonhar. Silenciosamente, voltaram-me os delírios fantásticos de quem ousa cochilar equilibrada nos galhos.

Daí, dez anos correram para que seu gosto desconhecido acordasse em minha boca. Em um desses encontros com Manoel, que aliás vinham crescendo em fôlego, aconteceu-me um delírio verbal, diria ele – ou silábico, mas aí o verso piora e muito –, quando a incessante Sirigoela volta a ser nomeada. Manoel-Sirigoela, Manogoela, Sirigoel, brincadeira bocó de espriar a árvore em gravetos. "Restolho tem mais força que o tronco."⁹⁵ Comendo Manoel goela abaixo, devenho Sirigoela. Mordendo esta fruta, posso tocar origens, as fontes e natências que não cessam de jorrar infâncias e ainda mais infâncias, inventando infâncias por vir, com o erotismo, a fabulação e a latência que dirigem esse modo de existência.

Entre Manoel e Sirigoela, na extensão que vai do poeta à fruta, o que há? Na mistura indistinta de palavra e sumo, o que germina? O que estreita a espessura que há entre um dizer e uma experiência? É preciso pegar a palavra ainda merejando, um texto que escorre e baba. Uma letra que é placenta, visco de lesma, sumo de sirigoela e que provê um rastro saboroso, odorífico,

⁹⁵ BARROS, 2013, *Livro de pré-coisas*, p. 202.

nutritivo. Do encontro da palavra com o sumo corre-se o risco de instaurar-se o incessante nascer de uma vida. “No interior profundo e úmido do exterior”.⁹⁶

É este o caminho suculento que aqui busquei - ao longo destas páginas, desta pesquisa, destes dias vividos. Encontrar uma palavra viva e oferecer ouvidos vivos a esta palavra. É de uma palavra imprestável e miúda, de um sussurro, que o caminho faz curva da prescrição neurótica para encontrar aquilo que, embora soterrado, já estava ali antes de nascer, em contínuo estado de pré-coisa.

Retornemos, então, a ainda mais um início, dentre tantos.

Há tempos que te esperava. Faz um ano que te trouxe para casa e deixei sua carne quente, suculenta e pungente perecer, intimidada que estava por seu longo rastro. Sua polpa se putrefez elegante sobre a mesa da cozinha, uma podridão alegre, tranquila. O tempo cavou sulcos em sua pele amarelo-laranja, que mudou de cor, teu novo cheiro foi se espalhando, não tardou e insetos minúsculos compareceram ao festim.

⁹⁶ CIXOUS, 2022, p. 67.

Devoraram-lhe numa orgia
 imperceptível. Meus lábios
 permaneceram virgens, secos,
 receosos, sedentos.

Foi preciso ainda mais uma infância para que eu lhe tocasse. Hoje é uma quinta-feira de um janeiro ardente. Passada uma semana em que convivemos sob o mesmo tempo, o mesmo teto, neste hoje, nossas carnes se lambuzaram. Era fim de tarde quando fui até a cozinha, peguei-lhe pela caixa e meti-lhe pela boca. Assim poderia dizer, não fosse o fato de que houve ainda boa dose da solenidade lânguida que se entranha no encontro entre dois amantes a se reconhecerem depois de tanto tempo. Era fim de tarde, então, quando fui até a cozinha e colhi um punhado de sirigoelas e, com estes raros botões nas mãos, sentei-me na estreita varanda de casa. Fazia muito calor e eu abocanhei o sol. Um a um. Refrescante estrela em brasa. Diverti-me por sua inadvertida semelhança com o pequi, outra fruta imemorial. Laranjas, pequenos, redondos, caroçudos e amarram ligeiramente a boca. Dos dois nunca se farta. A fruta da infância recupera-me ainda outra fruta da infância abrindo a possibilidade de uma linha infinita da

memória guiada pelo sabor - os conhecidos e os que se mantêm todavia ocultos.

Deslizei a língua por todo seu corpo sirigoela, rasguei-lhe a casca com delicadeza, sorvi cada encontro vocálico, teu líquido vibrante escorria pelos meus dedos e plantavam-se no chão, engoli sua carne pungente e ácida, demorei-me em cada palavra. Roemo-nos até o caroço.

Lembro-me de uma curiosa espécie de pequenina cobra que, faminta diante de um ovo violentamente maior que sua cabeça, arreganha sua esguia mandíbula e engole-o intacto. Uma vez o imenso planeta em sua boca, ela o tritura com uma força insuspeitada, deleita-se ao sorver o nutritivo coloide e expele, saciada, a casca moída. O apetite é a cobra, a mandíbula, o enorme ovo, a gema. Provo, ao morder a fruta, do imenso instante onde cada ínfimo não teme abocanhar o infinito.

Aqui, nesta mordida, o texto começa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTAUD, Antonin. *Para dar um fim no juízo de deus*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

BARROS, Manoel. In: MÜLLER, Adalberto (org.). *Manoel de Barros. Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

BARROS, Manoel. *Poesia Completa*. São Paulo: LeYa, 2013.

BARROS, Manoel. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

CIXOUS, Hélène. *A hora de Clarice Lispector*. São Paulo: Editora Nós, 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 2. São Paulo: Editora 34, 2012a.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 3. São Paulo: Editora 34, 2012b.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol 4. São Paulo: Editora 34, 2012c.

_____. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

------. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. *O aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DUCHAMP, M. *Inframince Notes*. Inframince Project, 2017. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/50c0c841e4b01cd9e74e3708/t/5a2c2535e4966b5dad6e6e3b/1512842559927/translation+document-FINAL.pdf/>. Acesso em: 20 jan. 2025.

DUFOURMANTELLE, Anne. *Potências da suavidade*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

FABIÃO, Eleonora. *Programa performativo: o corpo em experiência*. Ilinx: Revista do Lume, n. 4, dez. 2013.

GARCIA, José Godoy. *Poesias*. Brasília: Thesaurus, 1999.

GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 19: ... ou pior*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LAPOUJADE, Davi. O Corpo que não aguenta mais. In: GADELHA, Sylvio (orgs.). *Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LAPOUJADE, David. *Existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PEREC, Georges. *L'infra-ordinaire*. Paris: Seuil, 1989.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições, 2013.

PRECIOSA, Rosane. *Rumores discretos da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2014.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. *Antropofagia zumbi*. São Paulo: n-1 edições; Hedra, 2021.

SCHIAVON, João Perci. *Pragmatismo Pulsional: clínica psicanalítica*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

SCHIAVON, João Perci. Terras Freudianas. In: SANTOS, Anderson (org.). *Psicanálise e esquizoanálise: diferença e composição*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Encantamento: sobre política de vida*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SONTAG, Susan. *Contra a Interpretação: e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

SOUZA, Elton Luiz de. *Manoel de Barros: a poética do deslimite*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

ZYGOURIS, Radmila. *Psicanálise e psicoterapia*. São Paulo: Via Lettera, 2011.